

O Prelo

ANO XIII

JANEIRO DE 2016 - Nº 41

de
estou
governo fede
mbro, entre
quatro anos m
na organização do
de um sistema de es-
com o melhor aproveit
elevação das condições

para patricio receberá esta
ações. Ilustre patricio receberá esta
ricado, que é o de uma especial home
cicos e odontólogos do Brasil, e que me
laços de estima e pela afinidade da voca-
amais-lha cordiais saudações.

Juracino Kubushek

RESTAURAÇÃO: arte e história PRESERVADAS

pág. 18



**A face
social da
dança**

pág. 16



**Viaje pelo
Brasil com a Cia.
Teatro a Bordo**

pág. 4



**São João
Marcos, o passado
vira atração**

pág. 32

O ESTADO DO RIO ESTÁ DESCOBRINDO QUE LER É O MAIOR BARATO.

Mais de 2.500.000 de finais felizes.
O projeto Mais Leitura segue
oferecendo cultura por um preço
que todo mundo pode pagar.

Acompanhe a programação em
www.facebook.com/projetomaisleitura
e saiba quando o projeto estará perto de você.



artplan





Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Francisco Dornelles
VICE-GOVERNADOR

Leonardo da Cunha e Silva Espíndola Dias
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativa

Walter Freitas Netto
Diretor Financeiro

Jorge Narciso Peres
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo

ANO XIII nº 41

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Luana Soares

Estagiários:
Camila Araújo
Gabryella Mendes
Janaína Medeiros
Laura Alonso
Magno Navarro
Nathalia Cordeiro

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa:
Foto: Magno Navarro

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO



TEATRO A BORDO

4 Projeto circula o Brasil levando alegria através de suas encenações e atividades

CASA ABERTA

6 Espaço promove atividades de cunho cultural para moradores da cidade de Niterói

NÚCLEO DE PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO

8 Comunicação ao alcance de todos

CONDOMÍNIO CULTURAL

10 Oficinas culturais e esportivas são oferecidas para moradores de Volta Redonda



NORTE COMUM

12 Jovens da Zona Norte oferecem atividades aos moradores da região

MAMA ÁFRICA

13 Grupo cria um espaço para moradia e para intervenções culturais em Niterói

CLUBE DE ASTRONOMIA

14 Experimentos e estudos sobre o universo unem educação e diversão em São Gonçalo

MATEMÁTICA É CONSTRUÇÃO

15 Artigo de Arnaldo Niskier mostra como a ciência no dia a dia

DANÇAR A VIDA

16 Uma história de superação através da dança



RESTAURO E CONSERVAÇÃO

18 Panorama sobre a área de restauração de obras e documentos no Estado

CANTO CORAL

24 O estilo musical mais antigo da história

REDE ASTA

26 Ecologicamente correto é o que está na moda

CANTINHO DO CORDEL

28 Cordelista transforma sua casa em espaço para literatura de cordel



REABILITAÇÃO

30 Instituição atua na melhoria da qualidade de vida de pessoas com necessidades especiais

VERDEJAR

31 Moradores do Complexo Alemão se unem em prol da preservação

SÃO JOÃO MARCOS

32 Parque arqueológico e ambiental reconta a história da cidade de São João Marcos

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

PELO CAMINHO DA

GABRYELLA MENDES

As paisagens não param de Amudar. Pela janela é possível perceber quando o asfalto se torna estrada de chão ou quando os prédios das metrópoles dão espaço a casinhas espalhadas por pequenas cidades Brasil a fora. A cada lugar, uma nova emoção. A cada sorriso, a sensação de missão cumprida se renova. Sotaques, crenças e cores se misturam ao som de mágicas histórias. Não importa o endereço, tampouco o número de espectadores. O que verdadeiramente importa é que o palco esteja sempre montado.

Esse é o lema do projeto cultural Teatro a Bordo, criado em 2007 pela atriz Talita Berthi. A ideia surgiu durante um curso de Gestão Cultural, onde Talita precisou mapear as necessidades culturais na Baixada

Santista, em São Paulo. “O curso tinha como proposta pesquisar as carências culturais da região e, na conclusão, propor uma ideia criativa para saná-las. O Teatro a Bordo foi a minha. Havia carência de projetos de itinerância com equipamentos culturais e, por isso, a ideia foi muito bem aceita. O processo para transformar o projeto em realidade foi muito rápido!”, conta.

Há quase oito anos na estrada, o Teatro a Bordo já passou por cerca de 150 municípios em todas as regiões brasileiras, atingindo um público de mais de 300 mil pessoas. Tudo isso acontece através de um teatro móvel em um contêiner. A programação acontece em dois dias: no primeiro, os artistas fazem um cortejo de chegada pelas escolas e praças da cidade, enquanto a equipe técnica monta toda a estrutura, o que leva, em média, seis horas. No dia seguinte,

acontecem as apresentações, com o contêiner já transformado em palco. Além de peças de teatro, também são oferecidas oficinas educativas e intervenções artísticas, com acesso gratuito e irrestrito para a população.

Um dos municípios que recebeu a visita do Teatro a Bordo foi Rio Bonito, localizado na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Cerca de duas mil pessoas prestigiaram a programação que deixou um gostinho de quero mais nos moradores. A diretora do Departamento de Ensino da cidade, Franciane Machado, vê a proposta do projeto como um grande diferencial. “Nós temos recebido várias apresentações culturais, mas o Teatro a Bordo é diferente. Por ser um projeto itinerante pode se apresentar em qualquer lugar, atingindo um público diversificado. Os alunos das



Fotos: Toto Cottone

O Tetro a Bordo já se apresentou para mais de 300 mil pessoas

ARTE

*Projeto atravessa
o país levando a
magia do teatro*



escolas municipais que estiveram presentes, tanto nas apresentações quanto nas oficinas oferecidas pelo grupo, ficaram empolgados. Alguns chegaram a comentar que sentiram o interesse em ser artista de teatro”, diz.

No início deste ano, o projeto decidiu se aproximar mais dos conceitos de sustentabilidade e contribuir para a divulgação de boas ideias, com a utilização de energia limpa e renovável. Para isso, através de uma parceria, projetou um sistema capaz de transformar energia solar em energia elétrica no próprio contêiner, os módulos fotovoltaicos. O feito, aliado a outras fontes renováveis, possibilita que o Teatro a Bordo atenda a públicos de até duas mil pessoas em uma única apresentação. Assim como faziam os artistas mambembes de séculos passados, que utilizavam a luz do

sol refletida em espelhos para criar efeitos de luz em suas apresentações, o projeto agora conta com a presença do sol iluminando seus espetáculos.

TROCA CULTURAL

O contêiner que viaja pelo Brasil carregado de histórias, personagens e lendas também abre suas cortinas para os artistas locais das cidades que visita, promovendo o intercâmbio cultural. Segundo Talita Berthi, que também é produtora do projeto, a chance de estar em contato com essa diversidade é um dos fatores mais gratificantes. “Tudo aquilo que passa pelo Teatro a Bordo permanece nele. É durante as viagens que tentamos resgatar a genuinidade da arte brasileira, da tradição oral, do popular, do teatro popular e da música. Foi a bordo do contêiner que conhecemos a Dança

da Sucia, do Tocantins, os Reisados, de Minas Gerais, e o Maculelê, da Bahia. Conhecemos também muitas histórias engraçadas e misteriosas. Essa troca cultural é o nosso maior patrimônio, o que move a criatividade e inspira nosso trabalho. Além dos inúmeros sorrisos que recebemos, claro. Nosso sonho é levar essa diversidade do país para todos os brasileiros, realizando uma grande festa popular!”, anima-se.

Para saber a agenda do Teatro a Bordo, é só acessar o site www.teatroabordo.com.br e verificar as próximas cidades em que o projeto se apresentará □

SERVIÇO

Projeto Teatro a Bordo

Endereço: Rua José Caballero, 15
Gonzaga – Santos- SP
Telefone: 13- 3285-6993
Site: www.teatroabordo.com.br



Projeto itinerante leva espetáculos teatrais para diversas cidades do país



A casa, no bairro do Ingá, em Niterói, onde funciona o Casa Aberta

A Casa está aberta

*Espaço Casa Aberta,
em Niterói,
estimula alunos de todas
as idades a descobrir
seus talentos*

Laura Alonso

Há quem diga que cada pessoa possui um dom. Seja para jogar futebol, para o teatro, na oratória, na música ou no artesanato, todos possuem algum talento especial escondido em si. Os que ainda não o descobriram não devem se preocupar; estão por descobrir aquilo que faz cada pessoa um ser único e especial. Agora, imagine poder passar o seu talento adiante. Ensinar a outras pessoas a arte que lhe foi concebida e, com isso, ajudar o próximo a descobrir suas aptidões.

Essa é uma das premissas do Espaço Casa Aberta, uma casa situada em Niterói que incentiva as pessoas a empreenderem e buscarem seus talentos. O espaço privilegiado, localizado no bairro do Ingá, foi cedido pela Igreja Betânia Litorânea e, desde 2012, funciona como uma porta de entrada para aqueles que desejam iniciar uma carreira voltada para o ensino e desenvolvimento de habilidades artísticas e esportivas.

Para que ideia inicial funcione, o Casa Aberta cede o espaço para o professor poder dar suas aulas. O valor cobrado pelos cursos é de R\$ 90, em média. De todo o valor recebido, uma pequena quantia deve ser repassada para os organizadores para que a manutenção da casa seja feita. “Quando chega uma pessoa aqui para dar aula nós não queremos que a pessoa apenas alugue a nossa sala. Nos preocupamos com os conceitos das aulas, se possuem um conteúdo bacana, observamos a relação do professor com os alunos, a forma que o curso é ministrado e diversos outros pontos. A relação com o Casa Aberta não deve ser uma relação só de uso”, explica Marilda Ormy, coordenadora do projeto.

Ela garante que a utilização do espaço cedido pelo Casa Aberta deve ser apenas um “pontapé inicial”. A ideia é que com a renda arrecadada nas aulas, o professor consiga mon-

tar o seu próprio espaço e começar o seu próprio negócio, como é o caso do professor Júnior, de artes marciais. “Hoje eu divido o meu tempo entre o Espaço Casa Aberta e o meu estúdio. Eu sempre acreditei que conseguiria ter meu próprio negócio”, conta ele.

Devido a essa premissa, os projetos sempre estão em constante circulação. Atualmente o espaço recebe cursos de artesanato, dança de salão, mangá, contação de histórias, muay thai, box, jiu-jitsu, aquarela, teatro, escultura, coaching vocacional, ioga e dança de rua. Para os interessados em inscrever seus cursos, Marilda explica como o candidato deverá fazer. “Eles devem mandar email apresentando sua proposta e ela vai ser analisada em reunião. O curso deve ter a ver com a nossa concepção, com o envolvimento com o Casa. As oficinas que acontecem aqui são cuidadas e aprovadas por todas nós”.

O Casa Aberta também se preocupa com a questão social e com os alunos que não possuem condições

de pagar pelas aulas. Por esse motivo, todos os cursos devem oferecer bolsas para pessoas nessas condições. Com isso crianças e adultos do Morro do Palácio e do Morro do Estado, comunidades localizadas próximas ao bairro do Ingá, conseguem se beneficiar com as aulas.

Lenira Alice Magno faz parte da equipe de coordenação do espaço e dá aulas de artesanato às segundas-feiras. Ela conta que muitos dos seus alunos complementam a renda familiar com as peças feitas no curso. “Eles aprendem, fazem em casa e vendem por aí. Eu gosto de ensinar e quero ajudar essas pessoas a conquistar a sua independência financeira”, diz.

O professor de luta Júnior conta que possui cerca de 40 alunos e que pelo menos dez são bolsistas. Em seu estúdio, o professor recebe ajuda de um dos seus ex alunos que recebia bolsa e acredita no poder que as artes marciais tem de transformar para o bem a vida de uma pessoa. “Tive alunos que eram envolvidos com o tráfico. Os pais vinham conversar

comigo, pediam para que eu não desistisse deles e eu sempre acreditei no potencial de cada um. Hoje em dia muitos saíram da vida do crime, trabalham, frequentam a igreja e levam uma vida com dignidade”, conta, orgulhoso. A empregada doméstica Janaina Costa é aluna de artesanato da professora Lenira. Com as aulas, Janaína, conseguiu complementar a sua renda familiar. “Tudo começou há dois anos, quando comecei as aulas e fui uma das primeiras alunas do curso. Inicialmente não vendia, fazia apenas para presentear as pessoas mais próximas. Comecei a amadurecer a ideia de vender minhas peças porque as pessoas insistiam muito e acabou dando certo”, conta. “Agradeço muito por ter a oportunidade de fazer parte da família do Casa Aberta”, diz, com felicidade □

SERVIÇO

Espaço Casa Aberta

Rua Professor Lara Vilela, 204, Ingá – Niterói, RJ

Telefone: (21) 3628-6351

E-mail: espacocasaaberta@gmail.com

CURSOS OFERECIDOS



Box/Muay Thai



Escultura



Mangá



Dança de Salão



Teatro



Contação de Histórias



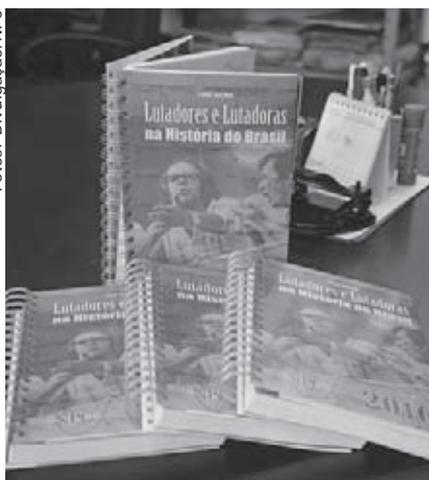
Aquarela



Coaching Vocacional



Artesanato



Núcleo em comu

Cursos tem o objetivo

CAMILA ARAUJO

Uma jornalista e um metalúrgico. Duas profissões totalmente diferentes que se encontraram num ambiente de lutas sociais. Claudia Santiago e Vito Giannotti se apaixonaram à primeira vista na década de 1990 e foram unidos não só pelo amor genuíno que os embalou na época. Eles compartilhavam um sonho: transformar a sociedade em um espaço justo e democrático. Como? Fazendo comunicação do povo e para o povo. Desse sonho nasceu, em 1992, o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), com o objetivo de convencer os trabalhadores a disputar a hegemonia na sociedade, através da Comunicação.

“Nós fazíamos praticamente a mesma coisa. Eu era Assessora de Comunicação da Central Única dos Trabalhadores do Rio de Janeiro (CUT) e ele, como Dirigente Sindical da CUT de São Paulo, fazia boletins informativos para os trabalhadores. A gente tinha muita vontade de que a principal preocupação dos sindicatos fosse a comunicação, porque é através dela que se convence os trabalhadores a lutar por um mundo com justiça e sem exclusão. Juntamos nossas experiências e começamos a expor nossas ideias pelo Brasil afora”, conta Claudia Santiago coordenadora do NPC.

Com o tempo, as atividades do Núcleo Piratininga foram se acumulando e em 1997, se formalizou como uma organização civil sem fins lucrativos. E foi assim, dando cursos, palestras, seminários, publicando livros e prestando assessoria, que o NPC se tornou referência em comunicação sindical no país.

A atenção se voltou para a comunicação das favelas em 2003, após o brutal assassinato de quatro jovens na Chacina do Borel, na Zona Norte da cidade. Naquele momento, Claudia e Vito perceberam que não eram só os sindicatos que precisavam melhorar sua comunicação, mas urgia das

Piratininga é referência na comunicação sindical e popular

de criar autonomia e independência à quem quer fazer sua própria comunicação

favelas cariocas uma necessidade de expressar as vozes de seus moradores. “Todas as matérias que eram publicadas naquele momento, eram na tentativa de criminalizar as vítimas de uma chacina: jovens, negros e pobres. Não havia a versão dos familiares e nem do povo da favela”, aponta Sheila Jacob, jornalista e professora do NPC.

A partir daí é criado o Curso de Comunicação Popular, com o objetivo de incentivar as classes populares a produzir seus próprios meios de comunicação e expressar seu ponto de vista, criando autonomia e independência. “A ideia é fazer com que as pessoas que sofrem violência e preconceito no seu dia a dia e o desrespeito com seus direitos mais básicos, se tornem comunicadoras populares. É dar voz àqueles que não têm voz, para que se compartilhe não só as angústias e os sofrimentos, mas também as coisas boas, a cultura, a música e a arte”, ressalta Sheila.

Hoje, o curso é feito com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo, parceira do NPC. Todo ano, entre os meses de maio e outubro, se reúnem estudantes, professores, ativistas e trabalhadores das mais diversas categorias profissionais para aprender a fazer comunicação comunitária. Os alunos têm aulas práticas de redação, diagramação, oratória, fotografia, internet, e principalmente aulas de formação política. “Uma preocupação marcante é a conscientização dos alunos para qual tipo de comunicação queremos, que é a da classe trabalhadora, a comunicação dos oprimidos”, enfatiza Sheila Jacob.

Mais de 400 alunos já passaram pelo curso. Para a jornalista e professora universitária Ana Maria Reis, o encontro de pessoas de variadas origens sociais, permite além da troca de experiências, novas aprendizagens. “Eu fiz o curso em 2013. Com essa experiência, pude conhecer vários e diferentes coletivos de luta popular do estado. No fim das atividades do curso, eu e mais algumas alunas construímos um núcleo de comunicação similar, na Zona Oeste

pobre do Rio, em Campo Grande: o Núcleo Oeste Carioca de Comunicação Popular (NOC) que nos aproximou de vários movimentos locais da educação, da arte e da cultura”, conta.

Ao final de todas as aulas, os alunos escrevem suas próprias matérias e publicam o jornal *Vozes das Comunidades*, que é distribuído no dia 7 de setembro, data da manifestação popular conhecida como o ‘Grito dos Excluídos’. O jornal também possui uma versão *online*, onde alunos e ex-alunos colaboram.

Gizele Martins, do Complexo da Maré conta como o curso contribuiu para sua experiência. “Fiz o Curso de Comunicação Popular do NPC umas cinco vezes, o que melhorou bastante minha formação crítica, meus textos e também a minha oratória, já que eu tinha muita vergonha de falar o que eu pensava. Além disso, o curso serviu como exemplo para fazermos algo parecido no Jornal O Cidadão, da Maré. Já fizemos três edições do curso de comunicação comunitária espelhados no NPC”, relata a jornalista e comunicadora comunitária.

CURSO ANUAL

Além do Curso de Comunicação Popular, o Núcleo Piratininga também realiza todo ano o Curso Anual, que reúne dirigentes sindicais, jornalistas, pesquisadores e estudantes de todo o Brasil. Para cada edição é escolhido um tema central referente à comunicação. O Curso Anual começou em 1994, em São Paulo, com um público de aproximadamente 30 pessoas. Hoje, ele acontece no centro do Rio de Janeiro e já está em sua 21ª edição, com cerca de 300 participantes. “A ideia é propor diferentes debates e um diálogo sobre como os sindicatos e os movimentos sociais podem agir diante da nossa realidade social e política”, explica Sheila.

OUTRAS ATIVIDADES

Por atuar em várias frentes na comunicação contra-hegemônica, o NPC conquistou o Prêmio Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cul-

tura, alcançando o quarto lugar na categoria nacional. Fora os cursos oferecidos, o Núcleo Piratininga tem a Livraria Antonio Gramsci, onde acontece, desde 2013, o evento *Quintas Resistentes*, que recebe convidados para falar sobre as diversas formas de luta e resistência que viveram no período da ditadura civil-militar brasileira. Com o objetivo de manter viva a memória daquele período, são entrevistadas pessoas que se destacaram nesse combate, seja na luta armada ou na retaguarda.

Outra forma de resgatar histórias de luta dos trabalhadores no Brasil e no mundo é através dos livros-agenda produzidos anualmente pelo Núcleo. Em 2016, o tema é *Lutadores e Lutadoras na História do Brasil*. Fruto de densa pesquisa, a agenda traz todo dia, a trajetória de homens, mulheres, negros, negras, indígenas, camponeses, estudantes, operários e outros lutadores que sonharam e ousaram lutar por um país melhor para a maioria. Na capa, está Vito Giannotti, *in memoriam*, um dos grandes idealizadores destas agendas e do NPC. Italiano de sangue e brasileiro de coração, Vito lutou até seu último dia de vida por aquilo que acreditava e sonhava. Ele faleceu no dia 24 de julho de 2015, mas até hoje, permanece vivo nas atividades do NPC e nos corações e mentes que o conheceram.

MAIS INFORMAÇÕES

O NPC possui dois boletins informativos, um com novidades da Livraria Antonio Gramsci e outro com informes de eventos e atividades do Núcleo. Para recebê-los, basta acessar o site e se inscrever

SERVIÇO

Núcleo Piratininga de Comunicação

Endereço: Rua Alcindo Guanabara, 17, sala 912, Cinelândia
Telefones: (21) 2220-5618 / 2220- 4895
Site: www.nucleopiratininga.org.br
Facebook: [facebook.com/npcinstitucional](https://www.facebook.com/npcinstitucional)

Blog Vozes das comunidades

www.vozesdascomunidades.org

Livraria Antonio Gramsci

Endereço: Rua Alcindo Guanabara, 17, térreo, Cinelândia
Telefone: (21) 2220 4623
Email: livraria@piratininga.org.br
Site: www.livrariagramsci.com.br



*Condomínio Cultural,
em Volta Redonda, promove
desenvolvimento
sociocultural em
comunidades
carentes*

Foto: Divulgação

UM LUGAR PARA SONHAR

GABRYELLA MENDES

Com o intuito de ajudar moradores de comunidades carentes a escrever novas histórias para suas vidas, surge em 2011 o Condomínio Cultural, uma parceria entre o Instituto Dagaz – que promove o desenvolvimento sociocultural em comunidades – e a Associação de Moradores de bairros da cidade de Volta Redonda, situada na região Sul Fluminense. Essa Associação possuía um amplo espaço dentro de uma comunidade do município, no entanto não havia estrutura administrativa e organizacional para desenvolver projetos e captar recursos para o atendimento à população. Foi através da parceria com o Dagaz que o projeto Condomínio Cultural pôde ganhar vida e sair em busca do seu objetivo: fortalecer o protagonismo juvenil.

Baseando seu público-alvo prioritariamente nas classes C, D e E, o projeto utiliza seus espaços para abrigar o aprendizado psicomotor, afetivo e cognitivo, para fortalecer o convívio, a socia-

lização, territorializando e contextualizando a prática das atividades com adaptação de regras, estrutura e materiais de acordo com as condições dos atendidos. Hoje, o Condomínio se firma como tecnologia social e suas ações estão presentes em oito municípios do estado. A presidente do Instituto Dagaz, Marinez Fernandes, fala da felicidade que sente ao ver os resultados do projeto. “Eu como gestora e uma das responsáveis pela concretização de um sonho, me sinto muito gratificada e realizada por cada um que nos procura para participar de alguma atividade oferecida. Buscamos na arte o fortalecimento de vínculos assim como o entendimento do pertencer e respeitar o território que se vive. A formação crítica e o pensar são fundamentais para uma vida digna e de respeito. Não somos uma vitrine de uma marca de shopping, mas somos uma grande vitrine de vida”.

Beneficiando diretamente cerca de 800 crianças, jovens e adultos e 10 mil indiretamente, através de atividades de teatro, dança, circo, cinema, entre outros, nas comunidades de Volta Redonda e em escolas públicas da região, o Condomínio atua como uma alternativa para novos formatos de geração de renda e democratização cultural, tendo como consequência uma comunidade consciente de sua força e poder enquanto cidadãos culturais. Alu-

no do time de rugby há quatro anos, Caio Ferreira conta como começou a sua relação com o projeto. “Conheci o Condomínio através de um amigo e me identifiquei com o esporte. Entre as mudanças que ocorrem na minha vida, a melhora na convivência social foi uma das mais visíveis. Quando estou treinando, esqueço dos meus problemas e tenho a chance de fazer muitos amigos. Me sinto muito feliz em integrar essa equipe que vai muito além de um time de rugby”, diz.

AS ATIVIDADES

O Condomínio Cultural oferece várias oficinas na área do esporte, como futebol chupetinha e rugby, e na área da arte, como balé, capoeira, incentivo a cultura, música e cinema. O olhar e o pensamento crítico é o foco de toda a metodologia aplicada no trabalho feito pelo projeto. Cíntia Botelho, mãe da aluna Maria Eduarda Botelho da oficina de balé, ressalta a importância da atividade na vida de sua filha. “Como mãe, eu me preocupo com o que a Maria Eduarda gasta o seu tempo. Ter o Condomínio em nosso bairro deu a ela a oportunidade não só de conhecer o balé clássico, mas também de se relacionar com outras pessoas e crescer cada dia mais. Eu agradeço muito ao projeto por nos dar essa chance. Não só para a minha família, mas para todas as que fizeram ou fazem parte dessa grande iniciativa”, alega-se □

Serviço:

Projeto Condomínio Cultural
Endereço: Rua Sargento Paulo Moreira,
nº 248, Volta Redonda – RJ.
Telefone: (24)3336-3636
E-mail: institutodagaz@hotmail.com



Por um Norte comum

Jovens da Zona Norte carioca promovem intervenções culturais na região

CAMILA ARAÚJO

O Centro e a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro são os lugares que concentram a maioria dos grandes eventos e projetos culturais cariocas. No entanto, um grupo de amigos da Zona Norte resolveu fazer diferente. Cansados de se deslocar para ter acesso aos serviços oferecidos nessas regiões, 15 jovens decidiram criar um coletivo para produzir, eles mesmos, os programas que eles gostariam de frequentar na Zona Norte e na Baixada Fluminense.

Assim nasceu o Norte Comum, uma rede que articula pessoas de vários bairros da Zona Norte a fim de ampliar a oferta de atividades culturais da região. As reuniões começaram há quatro anos. Com saraus e eventos, eles propõem uma “inversão de rota” a quem costuma migrar para os centros urbanos em busca de lazer. O grupo reúne artistas, estudantes, ativistas e todos aqueles que se interessam por cultura. “Nosso propósito é intervir na cidade de alguma forma. Estar numa praça com uma atividade cultural perto de casa e feita por nós é muito bom”, conta Gabi Faccioli, uma das integrantes do coletivo.

As reuniões começaram em 2011, pela internet, em grupos de discussão e comunidades. A ideia se materializou de vez quando passaram a se encontrar no pátio da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atraindo muitos curiosos e interessados. As praças de bairros como Tijuca, Andaraí e Méier também foram pontos de encontro. Hoje, a sede do Norte Comum tem endereço fixo em uma casa doada para o coletivo, em Benfica.

Mas é no Hotel da Loucura que acontece desde abril de 2013, o sarau “Tropicões”. O local é uma enfermaria desativada do Instituto Nise da Silveira e foi escolhido com o objetivo de acabar com o estigma da doença mental, além de promover maior interação social para os pacientes com problemas psiquiátricos. “O sarau é livre. Tem quase tudo o que não se pode imaginar. A gente decora o espaço, coloca o microfone (que fica aberto a quem quiser) chama quem estiver a fim de participar e a partir daí começa. Exposição de filmes, dança, música, teatro e tudo mais”, disse Carlos Meijueiro, de 28 anos.

O grupo também promove aulas públicas de história afro-brasileira com o projeto “Ágoras Cariocas”, e o “Caboco Satélite” – uma iniciativa que propõe um compartilhamento de pesquisas musicais e a circulação de informações culturais de vários lugares do Rio.

Por que o nome “Norte Comum”? A explicação é simples: “Norte” dá a ideia de caminho, direção e destino, além de fazer referência à Zona Norte, onde o projeto atua. Já o “Comum”, além do sentido da palavra, trata do termo encontrado na obra do filósofo político Antonio Negri “um comum abundante que abrange ideias, afetos” □

SERVIÇO

Endereço: Rua Francisco Manuel, 159 – Benfica – Rio de Janeiro
www.facebook.com/nortecomum
www.mixcloud.com/cabocosatelite





Fernanda Carlinda mostra o muro que possui caricaturas de todos os moradores pintadas por ela

Mama África: sempre cabe mais um

Ocupação Sócio Cultural compartilha cultura africana através da arte e da inclusão

LAURA MIRANDA

Se você estiver caminhando pelas ruas de São Domingos, bairro localizado em Niterói, e se deparar com muros coloridos, sorrisos largos, cultura e pluralidade, certamente você terá chegado a Ocupação Sócio Cultural Mama África. O casarão da Rua Passo da Pátria guarda histórias de luta, liberdade e alegrias.

Há 25 anos, um grupo de jovens recém saídas de um orfanato e sem ter onde morar encontrou abrigo no local. Aliás, não só abrigo, mas sim um lar, um lugar para estreitar laços fraternais e resgatar suas origens africanas. Entre elas estava Fernanda Carlinda, que ajudou a transformar o casarão em uma referência de família, abrigo e manifestações culturais.

O pequeno grupo que deu início ao Mama África cresceu e hoje 60 pessoas, entre elas adultos e crianças, vivem pelos corredores do casarão, fragmentados em pequenas casas individuais. “Através de doações e grande esforço dos moradores a Ocu-

pação possui uma pequena biblioteca e um atelier, onde todos que passam se encantam com a garra da comunidade em criar espaços estritamente culturais. O objetivo é incentivar os jovens a traçar um caminho diferente do tráfico, que tenta recrutá-los a todo instante, além de abrir suas portas para eventos de cunho educativo”, diz Fernanda, residente do local junto com o filho.

A pequena biblioteca tem suas estantes preenchidas com livros de Karl Marx, frases de Mahatma Gandhi, livros de colorir e, ao fundo, uma grande bandeira do Brasil feita de tachas, o que demonstra, sutilmente, o orgulho pelo trabalho artesanal feito na comunidade e seu patriotismo mas sem esquecer de suas origens africanas. Os grandes carretéis de linha, as pequenas agulhas e algumas latas de tinta colorem o atelier, espaço em que todos podem criar livremente artes e bordados.

“Nosso trabalho é completamente orgânico. Os espaços estão sempre abertos para quem quiser criar qual-

quer coisa, seja uma pintura, um crochê ou aquilo que você tem vontade de fazer naquele momento. As crianças só fazem isso depois de voltarem da escola, o que pra mim, será sempre prioridade. Se existe algo que temos de mais importante é a educação” disse Fernanda, que além de ser a responsável por várias atividades culturais na ocupação, também é especialista em penteados afros.

Através de uma auto gestão e economia criativa, os moradores participam de feiras, bazares e oficinas vendendo seus trabalhos e indiretamente mostrando o que é o Mama África. Para criar cada vez mais atividades e enriquecer culturalmente a população que ali mora, o Mama Africa abre suas portas para palestrantes, estudantes que desejam dar pequenas aulas e para qualquer pessoa que deseja criar intervenções culturais □

SERVIÇO

Ocupação Sócio Cultural Mama África

Endereço: Rua Passo da Pátria, 48, São domingos

- Niterói

Telefone: (21) 99664-6620



Em 1986 os olhos de todo o mundo estavam voltados para o alto. O cometa Halley passaria cruzando nossos céus com previsão de retorno apenas em 2061. Ao mesmo tempo que a notícia se espalhava, os observatórios ficavam cada vez mais cheios de adultos, crianças e amantes do espaço esperando o grande brilho que iluminaria uma noite de outono. Na época, Milton Machado era um dos muitos admiradores do Universo. Movido por sua paixão, ele procurou lugares disponíveis para a observação, mas a escassez de espaços que proporcionavam essa experiência era maior do que se esperava. O cometa passou e ele não conseguiu vê-lo.

O interesse pelo assunto só crescia e Milton, juntamente com alguns amigos, criou o Clube de Astronomia Leonardo da Vinci. Funcionava de forma informal na sua casa, com debates acalorados, além da reunião de um acervo com objetos, livros, cartazes e várias notícias sobre o Universo. Anos depois, o Clube ganhou uma sede própria e esse acervo deu origem a três exposições fixas no Centro Cultural Vila Lage, no bairro de Neves, em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Estado.

O Centro Cultural, juntamente com o Clube, buscou através da cultura e da educação formas de resgatar e encantar a população ao seu redor. Materiais recicláveis que se tornam verdadeiros brinquedos científicos, doações e

um pouco de criatividade preencheram as salas, juntamente com cartazes e experimentos que simulam toda a atividade que acontece em nosso Universo.

Logo na entrada do espaço é possível ver uma grande pirâmide holográfica, que mostra imagens de planetas, constelações e de estrelas – todas em 3D. Peças que compuseram uma estação meteorológica preenchem as prateleiras juntamente com réplicas de rochas lunares. Há outros experimentos feitos por Milton, como um laser caseiro, que mostra como os feixes de luz são transmitidos através da fibra ótica. “Uma réplica dos famosos aviões 14 bis e Demoiselle – feitos de bambu; espaçonaves feitas de papelão e garrafa pet; e planetas montados com isopor, colorem o teto da casa deixando a visitação cada vez mais interativa”, conta Milton.

Para o estudante Brenno Penedo, de 18 anos, a existência do Clube é fundamental para o acréscimo de oportunidades no campo astronômico no Brasil. Frequentador assíduo do local, ele demonstra como a organização impacta positivamente a sociedade. “O Clube representa, para mim, a crença na possibilidade concreta

OBSERVAÇÕES DO CÉU

Aos sábados, das 19h às 22h, o Clube promove gratuitamente observações do céu com uso de um telescópio lunar, em um observatório adaptado para o sobrado da casa. O espaço tornou-se um lugar onde crianças e adultos têm total acesso a equipamentos que antes eram vistos apenas em grandes planetários. Em paralelo, a varanda se transforma em uma verdadeira sessão de cinema nas edições do Cine Clube Vila Lage.

Além de todas as atividades oferecidas pelo Clube, existe também o projeto “Buscando Estrelas”. Milton, sua mulher Maria Graça da Costa e associados, juntam seus equipamentos e viajam em busca de céus mais escuros (longe de poluição luminosa) para realizar observações gratuitas na cidade que os recebe. Somando-se a isso, o Clube também participa de atividades culturais, expõe seu material a convite de escolas, centros culturais, shoppings etc. “Nossa última exposição aconteceu na Prefeitura de São Gonçalo e pareceu ser uma grande surpresa para os visitantes. Todas as crianças queriam tocar em tudo o que

Uma galáxia não tão distante

de investimento em cultura e em expansão do saber, ainda que tais valores encontrem dificuldades de se alastrarem em regiões de menores condições socioeconômicas e interesse político. Além disso, acredito que o foco nos estudos astronômicos, algo não muito comum no Brasil, é essencial tanto no ponto de vista mercadológico, quanto filosófico, por suscitar questionamentos e reflexões sobre a vida humana e sua estadia em nosso planeta” disse.

se movia e não queriam ir embora!”, disse Maria.

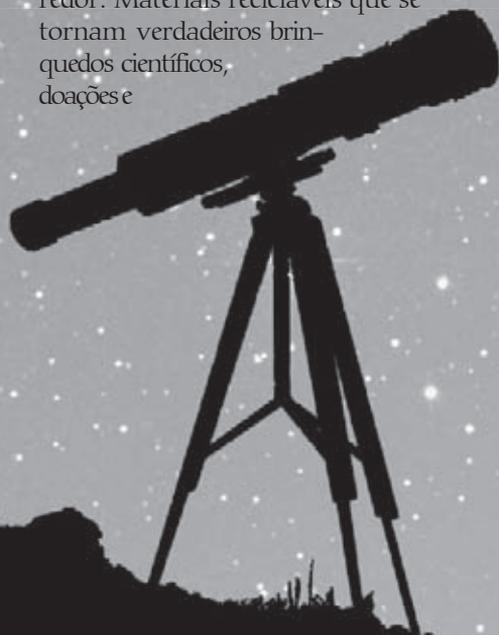
Representando o município de São Gonçalo, o Clube de Astronomia Leonardo da Vinci, que completou 29 anos em 2015, participou da World Space Weekend (em português, Semana Mundial do Espaço), evento apoiado pela ONU e pela UNESCO, que celebra internacionalmente a contribuição da ciência e da tecnologia para o melhoramento da condição humana. Desde sua criação, o Clube participa de todos os eventos astronômicos que ocorrem e sempre colocam à disposição do público seus equipamentos para terem livre acesso e sem custos, como ocorre na Semana Nacional da Ciência e Tecnologia, desde 2007 □

SERVIÇO

Endereço: Travessa Bernardina, nº 133, Neves – São Gonçalo
Telefone: (21) 2624-1925
Horário de funcionamento: aos sábados de 19h:00 às 22h:00

*Clube de Astronomia Leonardo da Vinci,
em São Gonçalo, abre suas portas para um
universo de cultura e educação*

LAURA MIRANDA



Matemática é construção

“Toda paralela a um dos lados de um triângulo determina um segundo triângulo semelhante ao primeiro.”

Essa verdade matemática, que se tornou a lei linear de Tales, pôde ser observada pelas sombras projetadas por triângulos nas pirâmides construídas no deserto egípcio. É um dos clássicos da ciência do raciocínio.

Na década de 50, na então Universidade do Distrito Federal (UDF), hoje UERJ, tivemos o ensejo, durante quatro anos, de receber preciosas lições de mestres consagrados como Haroldo Lisboa da Cunha (Análise), Felipe dos Santos Reis (Geometria), Francisco Alcântara Gomes (Física) e Luiz Caetano de Oliveira (Mecânica Racional), entre outros, para completar a licenciatura em Matemática, nosso primeiro curso superior. Em todas as aulas, havia a preocupação de mostrar a ligação da Matemática com o cotidiano, o que muito a fortalece.

É certo que a Matemática é matéria sequencial. Ao perder determinada lição torna-se quase impossível acompanhar o seu desdobramento. Passar do concreto ao abstrato não é nada fácil. Por isso mesmo, temos uma performance precária na Matemática, de um modo geral, formando maus professores. Competir com outras nações, como a China, o Japão e a Coreia do Sul parece mesmo uma tarefa impossível. Vez por outra acontece uma exceção, como foi o caso da vitória do brasileiro Artur Ávila, em 2014, na Medalha Fields, considerado o Oscar da área. É aluno do benemérito Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA).

O matemático russo Edward Frenkel, autor do livro “Amor e Matemática”, hoje leciona na Universidade da Califórnia. Segundo ele, muita gente não gosta de Matemática porque não sabe do que se trata; aliás, não sabe que, jogando videogame, está utilizando a Matemática de forma indireta, como acontece também nas compras on-line ou falando no Facebook. O mundo está cada vez

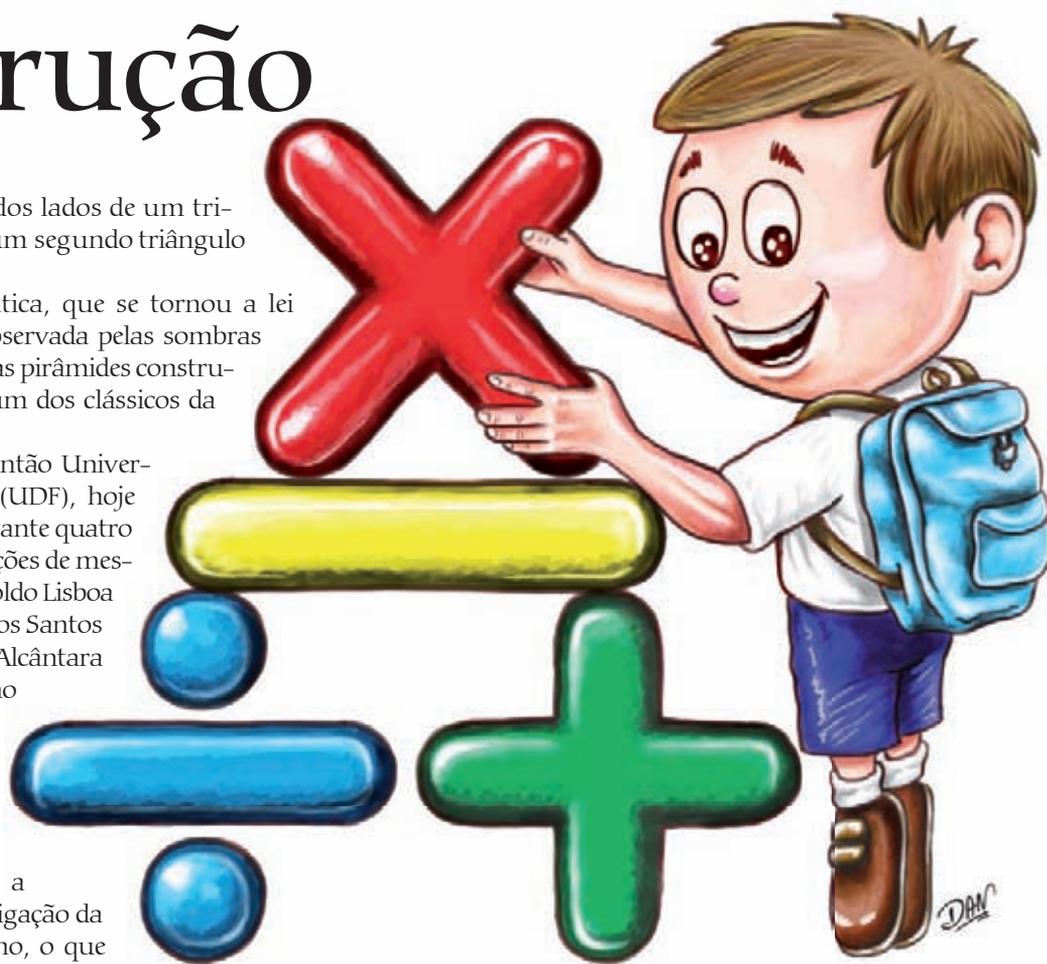
mais abstrato, como se pode verificar pelo uso do cartão de crédito, que se posiciona em algum lugar na nuvem, usando códigos numéricos. Disse Frenkel à revista Veja que a Matemática está por trás dos grandes feitos humanos, embora muita gente não desconfie disso. É preciso compreendê-la devidamente, para promover a sua construção.

No caso do Brasil, pode-se tomar o Rio de Janeiro como exemplo. Nos demais estados não há muita diferença. De cada 10 escolas cariocas, oito têm ensino precário de Matemática, se levarmos em conta a última edição do Prova Brasil (2013). Considerado o 9º ano, pode-se registrar que não há aprendizado suficiente, o que certamente irá comprometer as metas qualitativas do Plano Nacional de Educação. Um pormenor desgastante é o fato de que estamos piorando em lugar de melhorar. Isso é o resultado, também, de 85 dias de greves no magistério.

Se levarmos em conta a planilha nacional, o desempenho também é precário. Só uma em cada 10 cidades

atingiu os objetivos de qualidade, o que prova a inadiável necessidade de empreender novas políticas públicas, que abranjam a Matemática e também a Língua Portuguesa, que está um pouco melhor, mas ainda foge de padrões razoáveis,

Hoje, há como que uma febre de gamificação. Elementos de jogos são integrados às atividades cotidianas, o que está sendo utilizado para a avaliação de funcionários, nas ações de recrutamento e seleção, como faz a L’Oréal em grande escala. A seleção começa com milhares de candidatos, mas no final estão presentes alguns especialistas da própria empresa (quando restam 20 ou 25) para assistir aos jogos. É quando são avaliadas habilidades de liderança e comunicação, levando a empresa a contratar esta ou aquela pessoa mais qualificada. Há quem diga que o game é a melhor solução para se aprender assuntos complexos □



ARNALDO NISKIER
da Academia Brasileira de
Letras, presidente do CIEE/RJ e
licenciado em Matemática



O poder da dança

Professora de balé venceu doença ao dedicar-se a projeto social

GABRYELLA MENDES

Medo, angústia, ansiedade. O tempo já não acompanha o ritmo apressado e o nível elevado de exigência que as pessoas se impõem, gerando frustração. O resultado acaba sendo uma parcela da população com as chamadas “doenças da sociedade contemporânea”. A professora de balé Nelma Darzi fez parte desse grupo por um tempo. Diagnosticada com Síndrome do Pânico, não imaginava que a dança se tornaria a cura para um dos momentos mais difíceis da sua vida. E não foi só isso.

Ela nunca imaginou que em uma situação tão delicada pudesse surgir um de seus maiores feitos: o projeto social Dançar a Vida.

Apaixonada pela arte desde pequena, Nelma Darzi sempre sonhou ser bailarina. Nascida em uma família grande, cheia de irmãos, teve que adiar seu sonho até a juventude, quando começou a ganhar seu próprio dinheiro e investir pesado na dança. Depois de formada, começou a dar aulas de balé em sua casa. Seus pais, vendo a persistência e o número de alunos da filha crescendo, decidiram abraçar a causa e doar a residência da família para a fundação da escola de dança Petite Danse, em 1988.

Localizada no coração da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, a escola tem como diferencial a equipe, formada por vários membros da família Darzi. Possui, inclusive um consultório médico, onde a pediatra Rosane Darzi, irmã de Nelma, atende de forma gratuita os alunos. Após dez anos, a Petite Danse inaugurou uma unidade na Barra da Tijuca, sendo hoje considerada uma das mais conceituadas escolas de balé do Brasil, recebendo alunos de todos os estados do país.

Nelma Darzi já tinha realizado um sonho: ser bem sucedida no âmbito da dança. Mas isso não foi o suficiente para ajudá-la a superar a Síndrome do Pânico. Faltava alguma coisa. Foi assim que surgiu o projeto Dançar a Vida, em 1999, quando a diretora artística da Petite Danse firmou uma parceria com a Escola Barão de Itacuruçá. O intuito era oferecer aulas de balé para crianças oriundas de família com baixa renda. Mas com uma condição: as aulas precisavam acontecer na Petite Danse. Já que ali era um dos únicos lugares onde a doença deixava Nelma sentir-se segura. Inicialmente, foram abertas 25 vagas para formar a primeira turma. Os alunos selecionados ganharam não só bolsa integral para o curso de formação



SERVIÇO

Projeto Dançar a Vida

Endereço: Rua Uruguai, 463, Tijuca- RJ

Telefone: (21) 2571-4741 / 2571-7531

Site: www.petitedanse.com.br

profissional na Petite Danse, mas também assistência médica e apoio no ensino escolar. O projeto cresceu e, atualmente, atende cerca de 170 alunos. “As turmas são divididas por idade e grau de desenvolvimento técnico, não havendo separação dos alunos que pagam mensalidade. No começo havia uma resistência por parte das pessoas em acolher os bolsistas, mas hoje nem é possível distingui-los”, afirma Nelma.

A aluna Mayanie Magri ingressou no projeto ainda criança, influenciada pela irmã, Mayara Magri, que sempre sonhou ser bailarina. Nascidas em uma família humilde, as irmãs tiveram na ONG a chance de lapidar seus talentos e conquistarem, ainda muito jovens, bolsas de estudos em importantes companhias de balé no exterior. Mayanie, que estudou na renomada companhia alemã Stuttgart Ballet, conta sobre a experiência que vivenciou ao ganhar a bolsa. “Não foi fácil me adaptar. Eu sentia muita saudade da minha família, mas aprendi muito enquanto estive lá, inclusive a falar alemão. Agora estou me preparando para entrar em outra companhia, mas como profissional, porque eu já possuo o registro de bailarina, o DRT”. A irmã de Mayanie, Mayara Magri é bailarina da companhia de balé mais famosa do mundo, a Royal Ballet, de Londres. Elas fazem parte dos mais de mil jovens beneficiados pelo projeto social.

Reconhecido como uma organização não governamental, o Dançar a Vida trabalha em parceria com a Petite Danse, partindo do princípio de que a arte é um dos melhores caminhos para se alcançar a qualidade de valores morais e educacionais, buscando uma visão integral do ser humano. Meninos e meninas na faixa etária de sete a 15 anos podem ingressar no projeto, desde que estejam devidamente matriculadas na rede de ensino público.

A COMPANHIA DANÇAR A VIDA

Com a necessidade de finalizar a formação profissional de grande parte dos bailarinos brasileiros, refinando a técnica e aprimorando a qualidade artística e teatral para palcos, Nelma Darzi decidiu fundar, em 2009, a Companhia Dançar a Vida. Após a apresentação do espetáculo “Villa Lobos, uma canção de amor”, considerado um divisor de águas, a Companhia conquistou reconhecimento, se firmando como uma das principais do país. Em seu repertório, apresenta cinco espetáculos, sendo quatro deles realizados junto ao Ministério da Cultura.

Diversos bailarinos alcançaram destaque no cenário mundial da dança após passarem pela Companhia Dançar a Vida. Entre os mais expoentes, pode-se citar Marini Vianna, do Nice Méditerranée Ballet da França; Alysson Rocha, do Dortmund Ballet da Alemanha; e Diego Lima, bailarino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

CONQUISTAS

No ano de 2013, Nelma Darzi teve uma feliz surpresa: viu o seu projeto Dançar a Vida ser indicado ao prêmio Cláudia, na categoria Cultura. O objetivo da premiação é destacar mulheres competentes, talentosas e empenhadas em construir um Brasil melhor. “Só a indicação já me deixou feliz da vida. Mas de forma alguma eu esperava ganhar. Quando ouvi a atriz Marieta Severo anunciar que nós tínhamos vencido, foi inacreditável. Um filme foi passando na minha cabeça, lembrando o começo e de cada aluno. Eles me emocionam demais! Depois que recebi o prêmio, comecei a pensar em novas ideias para o projeto e em maneiras de torná-lo mais sustentável.”, emociona-se □



Fotos: Divulgação

Carinhosamente chamada de tia, Nelma Darzi (à esquerda), é muito querida pelos alunos



Entre as atividades estão aulas de dança, teatro, expressão corporal e pilates



O Dançar a Vida já encaminhou alunos para as melhores companhias de balé do mundo



O Projeto recebe crianças e adolescentes de diversas comunidades do Rio de Janeiro



Mais de mil jovens já foram beneficiados pelo projeto social

As mãos que recuperaram a História

Como o trabalho de restauração e conservação podem manter vivas obras e documentos

CAMILA ARAÚJO E
MAGNO NAVARRO

Fotos: Magno Navarro



Toda obra de arte é única e autêntica: tem um lugar, um momento, um sujeito e uma história que são próprios dela. E por mais que se repita todo o conteúdo, mesmo na reprodução mais perfeita e fiel ao original, um elemento está ausente: o “aqui e agora”. Porém, toda uma história pode se perder com o passar do tempo se não for bem preservada. E, apesar de o desgaste ser inevitável, os artistas restauradores mostram como é possível fazer com que grandes obras e documentos históricos permaneçam vivos.

Uma sala espaçosa, telas e quadros para todo o lado, grandes mesas cheias de tinta, pincéis e diversas ferramentas. A música clássica é o som ambiente, lembrando os tempos medievais. É nesse cenário em que grandes obras de arte e documentos históricos sobrevivem ao passar dos séculos, graças ao complexo trabalho dos restauradores. Dentro do Museu Histórico Nacional, no Centro do Rio de Janeiro, não são só os locais de exposição que respiram história e cultura. Há muitos detalhes a serem contados sobre um lugar pouco conhecido: a sala de restauração.

Logo nas primeiras salas que dão acesso às exposições, a imponência da estátua de Dom Pedro II montado em seu cavalo, atrai a atenção de quem passa. O que ninguém imagina é que a escultura de gesso de mais de três metros de altura e cerca de uma tonelada, estava há 20 anos dentro de uma caixa, despedaçada em 163 partes, depois de cair no chão porque a base de madeira havia sido destruída por cupins. Nada foi perdido. A escultura foi totalmente recuperada pelas mãos de verdadeiros artistas.

“Fizemos tudo de baixo pra cima, primeiro a base (mandou-se fazer uma estrutura de ferro), depois as patas do cavalo até chegar a Dom Pedro II. Juntamos alguns pedaços de gesso, costuramos com arame de cobre e um serralheiro fazia a soldadura para unir essas partes, até completar a peça inteira. Paralelo a isso era feita a limpeza de cada pedaço, porque tinham várias camadas de pintura que escondiam os detalhes,

como os riscos do pelo do cavalo, por exemplo. Com espátula e bisturi removemos tudo, de forma que os detalhes reaparecessem. Passamos uma camada de tinta e finalizamos com verniz fosco”, revela Claudio Aranha, restaurador de materiais cerâmicos e coordenador da equipe deste restauro.

Falando assim até parece simples, mas é um trabalho árduo e longo. As restaurações podem durar meses e até anos. E não é só pela complexidade técnica. Nem sempre é possível encontrar os mesmos materiais utilizados na peça original para

“Eu não me vejo trabalhando com outra coisa. Fazer restauração é um prazer muito grande para mim porque é como se eu ressuscitasse a história.”

fazer uma reconstituição. “A restauração abrange milhares de materiais e técnicas o profissional deve ter um conhecimento bastante amplo para, numa necessidade, saber improvisar. Um desafio constante é substituir os materiais que já não existem mais”, explica Claudio.

Esse foi o caso das carruagens e de outras raridades históricas que estavam em péssimo estado. Hoje, cadeirinhas de arruar, berlindas, traquitanas e o automóvel Protos, que pertenceu ao Barão do Rio Branco, integram a exposição permanente “Do Móvel ao Automóvel: Transitando pela História”, no Museu Histórico. A mostra só foi possível a partir da restauração feita em 1998, também coordenada por Claudio Aranha. Apesar dos desafios, ele confessa: “Eu não me vejo trabalhando com outra

coisa. Fazer restauração é um prazer muito grande para mim porque é como se eu ressuscitasse a história. Pegar uma peça deteriorada e recuperar, dar uma sobrevida à obra de arte é algo incrível.”

Essa opinião parece unânime entre os profissionais da área. “Eu nem imaginava que seria restaurador. Já tinha uma base de pintura e desenho, então eu procurei o curso de Belas Artes. Fazendo algumas disciplinas de restauração, acabei me apaixonando pelo trabalho e desde então procurei me especializar nisso”, conta Luiz Abreu, restaurador de pinturas do Museu Histórico. Há mais de 30 anos mexendo com arte, Luiz conta que, de todos os seus trabalhos, o mais marcante, sem dúvida, foi o restauro da obra “Combate Naval do Riachuelo”. Imagine, caro leitor, um quadro grande. Agora, um quadro de oito metros de largura por seis de altura ultrapassa qualquer expectativa.

“Foi um desafio e tanto, porque apesar de eu já ter trabalhado com quadros grandes anteriormente (a maioria deles de 3 x 2 metros), restaurar uma obra de oito metros era algo muito mais complexo”, reconhece. A maior dificuldade, segundo Luiz, foi dimensionar todo o trabalho em si, desde a quantidade de material até a equipe necessária para cumprir o prazo de um ano. “Eu estava iniciando a minha carreira como restaurador e tinha uma equipe para coordenar. Tudo tinha que ser muito bem calculado. O prazo estourou e eu continuei sozinho”. Você deve estar se perguntando como ele alcança todos os cantos do quadro. Pois é, não é coisa lá muito confortável não. Os restauradores de pinturas de grandes proporções trabalham deitados em uma ponte móvel, que percorre toda a extensão da obra.

DOCUMENTOS HISTÓRICOS

Do outro lado da cidade, mais precisamente no Museu da República, o trabalho de restauração passa pelas mãos de Liamara Fanaia. Restauradora há 32 anos, Lia, como gosta de ser chamada, tem um currículo vasto em obras de diversos suportes. Mas sua especialidade mesmo é o papel. Lia é responsável pelo Laboratório de

Conservação e Restauração (Lacor), que tem como objetivo a realização de atividades de conservação preventiva, reparadora e restauração dos acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos do Museu da República. Dentro desta proposta, realiza atividades como higienização do acervo; acondicionamentos para guarda de livros e documentos; tratamento técnico de conservação reparadora; restauração de documentos e livros; e participação direta nas montagens de exposições no palácio do Museu da República.

Experiência é o que não falta na carreira de Lia. Antes do Museu da República, foi a responsável durante 12 anos pelo laboratório de outra instituição de respeito no cenário cultural, a Biblioteca Nacional. “Foi o lugar onde comecei, inclusive. Nunca tinha pensado em trabalhar nesta área. Mas aí a Biblioteca estava montando um laboratório de restauração e montou um mutirão para limpar o acervo. Fiz um trabalho tão bom que a pessoa responsável me chamou pra ficar de vez”, conta ela que é pós-graduada em Administração de Museus e realizou diversos cursos na área de restauro, inclusive em Madrid, na Espanha.

Na visão de Liamara, o segredo para quem quer trabalhar na área é descobrir em si próprio a aptidão para a prática. “É preciso ter o dom. Tem que gostar de trabalhos minuciosos, de ficar isolado e concentrado porque cada restauro é um desafio e você não pode ter erros. Um erro pode destruir um documento e dependendo do estrago não tem volta”. No Museu da República o acervo é composto por uma vasta quantidade de papéis e documentos manuseados por grandes figuras da política nacional, como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. “Algumas vezes temos o privilégio de trabalhar em coisas que ninguém nunca vai ver. Aqui tem muita coisa histórica, mas dou a mesma importância para todas na hora do trabalho”, conta Lia que participou do trabalho de restauro da Carta de abertura dos Portos, assinada por D. João VI ao chegar ao Brasil, em 1808.

Os locais onde nada se perde



Laboratório de restauro do MHN



Todos os suportes são restaurados lá



O Lacor, no Catete, é de última geração



A higienização é fundamental



O restaurador Fernando Blas é especialista em suportes como telas e cerâmicas



O quadro "Combate Naval do Riachuelo" chama a atenção pela sua grandiosidade



O trabalho de restauração proporcionou a volta da estátua de D. Pedro II

NOVO DE NOVO, MAS NEM TANTO

Um dos grandes equívocos que se comete quando pensamos em restauração de obras é achar que este trabalho consiste em tornar algo que é antigo em novo, como se fosse uma peça ou um documento nunca usado. A verdade é que o artista restaurador precisa ser sensível o bastante para saber até onde ele pode ir. “A criatividade

que precisamos usar é dentro da técnica, criando caminhos mais curtos para fazer uma intervenção mais rápida”, explica Luiz Abreu. Para Lia, é isso que faz a diferença entre os bons e maus profissionais da área. “Restaurar é manter o máximo do original possível e isso in-

clui o aspecto envelhecido de determinadas peças porque senão cria-se um documento que não condiz com sua história. É preciso respeitar as ações do tempo e só intervir em aspectos que atrapalham a leitura, o entendimento da obra”, resume.

Isto porque é preciso respeitar uma norma internacional que rege os trabalhos de restauração. Todos os materiais utilizados uma vez devem ser passíveis de remoção, ou seja, quando uma intervenção é feita, ela deve ficar visível e pronta para ser desfeita a qualquer momento. “Não é necessário que o trabalho de restauro transforme-se em parte da obra original. Se por um acaso esta obra sofrer algum dano e for preciso remover a intervenção, ela tem que aparecer”, explica Lia.

No caso específico do papel há um aliado que ajuda na preservação do conteúdo. A era digital que vivemos proporciona a ampliação da consulta aos documentos independentemente do espaço que se esteja, pois os processos de microfílmagens atualmente fazem parte do cotidiano



Uma das carruagens expostas no Museu Histórico Nacional

dos museus e bibliotecas por todo o país. Documentos, pastas e livros que antes eram constantemente manuseados e conseqüentemente desgastados, agora podem ter sua vida útil quase que dobrada.

MERCADO DE TRABALHO

O grande desafio e atual luta para quem já trabalha na área é a regulamentação da profissão de restaurador. Desta forma, as prerrogativas de direitos e deveres presentes na Consolidação das Leis do Trabalho dariam mais tranquilidade aos profissionais e aumentariam inclusive a oferta de cursos especializados. O restaurador e membro fundador da Associação Paulista de Conservadores e Restauradores de São Paulo, Fernando Blas, aponta esta como uma das principais dificuldades para quem quer trabalhar resgatando relíquias mundo afora. “A oferta de cursos financiados pelo Governo é muito baixa e gera uma dificuldade para formar profissionais qualificados”, analisa Fernando, que fez da sua casa na Ilha do Governador a própria sede do seu ateliê, atendendo em geral colecionadores do mercado privado.

Por outro lado, o mercado público também apresenta um problema crônico que pode afetar os novos restauradores que estão chegando. Liamara Fanaia explica que a falta de concursos públicos somado a aposentadoria de muitos profissionais que já estão há muito tempo em atividade prejudica a troca de experiências entre antigos e novos profissionais. “Eu vou ficar muito triste se tiver que sair deste espaço que montei (o Lacor) e não deixar ninguém

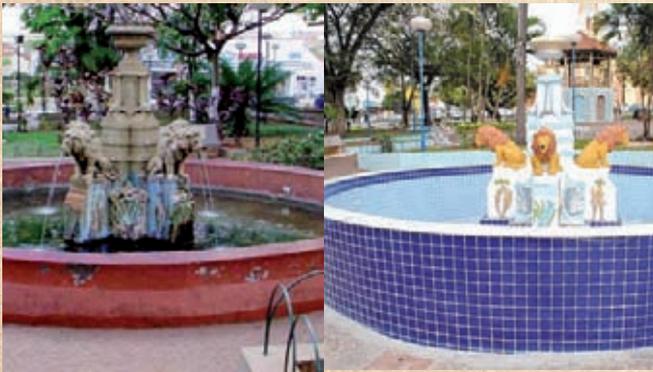
no meu lugar. E não ter quem dar sequência a esse trabalho vai fazer com que muita coisa se perca para as gerações futuras. Hoje, por exemplo, se eu precisar montar um projeto que envolva cinco restauradores

eu vou ter dificuldade de achá-los. Mas trabalho não falta porque muitas vezes a instituição só existe para abrigar o acervo, mas as pessoas esquecem disso”, resume Lia. “Museus, galerias, antiquários, leiloeiros e colecionadores privados precisam de restauradores competentes para preservar a memória do passado e levar as referências para as gerações futuras”, complementa Fernando. □

Quando o “antes” é melhor que o “depois”

Há casos famosos de restaurações mal sucedidas na História. E pela discrepância entre o original e o restaurados, muitos dizem que o “antes” é melhor que o “depois”. Conheça quatro episódios em que o resultado ficou questionável. Tire sua própria conclusão!

1 - Praça Rui Barbosa, em Ibitinga (SP)



A Praça Rui Barbosa, localizada na área central de Ibitinga (SP) estava em péssimo estado de conservação. A prefeitura local deu início em 2015 a reforma do espaço, que gerou polêmica. O alvo da confusão foi o chafariz, instalado em 1917. O que antes era sóbrio, ganhou cores quentes e exuberantes com pastilhas azuis e leões que ganharam destaque na peça. Comentários garantem que a fonte virou uma piscina. A prefeitura, por sua vez, alegou que o local não é tombado como patrimônio histórico, e que se preocupou em deixá-lo em estado que dê para ser utilizado pela população e turistas.

3 - Esculturas portuguesas do século 19 - Portugal



Pertencentes ao Santuário da Nossa Senhora das Preces, em Oliveira do Hospital, as 13 obras datadas do século 19 ficaram irreconhecíveis após a restauração. A obra, uma recriação de Jesus e seus apóstolos na Última Ceia, gerou polêmica entre os profissionais da área que acusaram os contratados de terem feito um trabalho de bricolagem (reparos caseiros fáceis) modificando as expressões das esculturas. A restauração foi realizada por alunos da disciplina de Museologia, Conservação e Restauro, da Universidade do Tempo Livre da Associação Nacional de Apoio ao Idoso de Coimbra, sob orientação de um professor.

2 - Quadro de Da Vinci, no Louvre (França)



Em 2011 o Museu do Louvre, em Paris, foi acusado de danificar o quadro de Leonardo da Vinci, “A Virgem e o Menino com Santa Ana”. No processo de restauração, fizeram uma limpeza que deu à obra cores diferentes das originais e um brilho que não é comum aos trabalhos da época. Segundo o Louvre, “a obra perdeu suas cores esplêndidas, apresentando-se cheia de manchas, enquanto que as camadas de verniz sufocavam as figuras”. O caso ganhou força depois que dois especialistas afastaram-se do trabalho por não concordar com as práticas utilizadas no restauro, consideradas por eles agressivas.

4 - Quadro Ecce Homo (Espanha)



Em 2012, Cecília Giménez, uma senhora de 84 anos, ganhou fama após restaurar o quadro “Ecce Homo”, do pintor Elías García Martínez, produzida por volta de 1910. A obra, que adorna um dos muros da igreja do Santuário de Misericórdia de Borja, em Zaragoza na Espanha, perdeu os traços iniciais graças a “liberdade poética” que a artista se permitiu para não seguir a risca o trabalho do autor. O caso foi noticiado em mais de 160 países e ficou conhecido como “a pior restauração do mundo”. A repercussão foi tanta que autoridades locais constataram que, após o episódio, o turismo na região aumentou consideravelmente.



Fotos: Divulgação

Modalidade musical mais antiga do mundo ainda tem espaço nos dias atuais

O encanto do canto coral

Corais mantêm acesa a chama da tradicional modalidade musical

GABRYELLA MENDES

Os sons estão presentes em todos os lugares e momentos da nossa vida. Na buzina dos carros, no barulho da chuva, em milhares de vozes espalhadas pelas ruas, no canto dos pássaros e até mesmo na nossa respiração. A música é exatamente a combinação cadenciada e expressiva de diversos sons. Canções podem ser feitas nos doces acordes do violão ou piano ou até nas imponentes tablaturas da bateria. Mas nenhum instrumento musical é capaz de tirar o encanto de uma bela voz. E o que diremos das harmoniosas vozes existentes no canto coral? Apesar de antiga e tradicional, a reação despertada por essa modalidade musical ainda é a mesma: emoção.

Historiadores acreditam que o canto coral surgiu na pré-história, tendo um de seus registros mais antigos, que aponta para a prática de dança e canto em grupo, descobertos na Caverna de Cogul, na Espanha. O coral é definido por associações de músicos que são divididos pela

sua disposição musical, ou seja, em sopranos, contraltos e barítonos. A modalidade além de promover a integração entre seus componentes e a sociedade, estimular a percepção cultural, ainda traz benefícios para a saúde do corpo e da mente. Os resultados são tão positivos que diversas empresas incorporaram a prática para seus funcionários. A experiência reduz os sentimentos de estresse, ansiedade e depressão, aprimora o relacionamento interpessoal e em equipe, reforça o sistema imunológico, desenvolve a coordenação motora, entre muitos outros benefícios. O coral é um espaço democrático onde todas as vozes são importantes, já que uma depende da outra. Talvez a beleza esteja exatamente nisso, na diversidade de cada um.

Com o intuito de realizar um trabalho acessível a todos, o Coral Oficina (natural do município de São Gonçalo) não tem nenhuma restrição para as pessoas que desejam integrar o grupo. Atualmente com 28 componentes, das mais variadas idades,

classes sociais e religiões, o coral vem se apresentando em diversos estados do país, sempre com a meta de popularizar o canto coral.

Josias Freitas, maestro do Coral Oficina, começou a sua relação com a música ainda muito jovem, por intermédio do pai, que era músico. Hoje, há mais de 15 anos à frente do Oficina, Josias diz que o coral é, para ele, uma grande família.

Levantando a bandeira de que não há limite de idade para se juntar ao grupo, o Coro Jovem da UFF causa surpresa aos que esperam encontrar apenas jovens. O coro é jovem de espírito, de cabeça e cheio de vontade de expressar alegria em forma de música. A soprano Maria Aparecida Stankevicius, integrante do coral há três anos, vê o coral como parte da sua história. "Tenho orgulho de fazer parte disso. No coral aprendi que é preciso ser persistente para alcançar um objetivo e que eu sou capaz. Não me imagino fora do coro, pois ele faz parte da minha vida", alegre-se □



CORAL OFICINA

Fundado originalmente como Coral Municipal de São Gonçalo, tornou-se independente em 2003. Realizou durante sete anos o Auto de Páscoa “Deus o Mundo Amou”, alcançando uma plateia estimada em 12 mil pessoas. Atualmente com 28 integrantes, O Oficina é um coro cênico regido pelo maestro Josias Freitas. Com um repertório variado, segue acreditando que a cultura não deve ser considerada um supérfluo objeto de luxo, mas uma presença cotidiana, substancialmente integrada à vida da comunidade que com ela se eleva e expande horizontes, tornando mais eficaz o exercício de sua cidadania.



Telefone: (21) 97162-1488

Facebook: www.facebook.com/coraloficina



E-mail: cantomusarte@cantomusarte.com.br

Site: www.cantomusarte.com.br

CORAL CANTOMUSARTE

Fundado em 1990, o grupo realiza um trabalho comprometido com o aprimoramento técnico, consciente e de sensibilização para a arte musical do canto. Com cerca de 21 componentes, o Cantomusarte desenvolve um trabalho voltado a vários estilos musicais, apresentando um repertório diversificado e um trabalho cênico que conquista o público pela empatia e descontração. Em 2004, foi convidado por autoridades francesas e suíças para representar oficialmente o país em eventos musicais de grande importância no cenário europeu. O coral é regido pelo maestro Joffre Evandro Silva.

CORAL ITALIANO DE NITERÓI

Fundado em 2002, o coral trás consigo a liberdade de manifestar seus sentimentos e expandir sua inata arte de cantar e cultivar as tradições italianas. O repertório, focado em músicas populares italianas, conta com canções românticas, patriotas, mas quase sempre muito conhecidas. Com cerca de 15 integrantes, é regido por Marcello Sader, que tem contribuído para temperar o tradicional com elementos mais modernos, tanto na escolha do repertório quanto nos arranjos e na maneira de cantar. Em seus dez anos de existência, o coro se apresentou em diversos eventos.



E-mail: bruna-camporese@uol.com.br

Tumblr: coralitalianoniteroi.tumblr.com





Telefone: (21) 2629-5255
E-mail: musicadecamara@centrodeartes.uff.br

CORO JOVEM DA UFF

Criado em 2007, tem como principal objetivo o encontro social através da prática do canto coral entre a comunidade externa e a comunidade interna da própria UFF. Com cerca de 40 componentes, o coro tem um repertório eclético, unindo música renascentista, o clássico e a música brasileira contemporânea. Regido pelo maestro Marcio Paes Selles, vem se apresentando com bastante frequência e sucesso de público em teatros de Niterói e cidades vizinhas. O Coro Jovem mostra a todos o prazer de cantar a boa música coral.

CORAL VOZES DO FORTE

Com a missão de preservar a memória histórica do Exército Brasileiro e atuar com um espaço cultural, surge em 2006 um projeto inédito dentro da Força Terrestre, no que diz respeito à utilização do efetivo de militares na arte do canto coral. Tendo como objetivo estreitar os laços entre a sociedade e o Exército, o coro é Regido por Fabiano Muniz e acompanhado pela banda militar. O repertório é bem eclético, indo de obras eruditas a canções de *rap*. Estima-se que cerca de 170 jovens tenham passado pelo coral, com intuito de aprender ou ampliar sua musicalidade.



Facebook: www.facebook.com/coralvozesdoforte.decopacabana
Site: www.fortedecopacabana.com/coral-vozes-do-forte



E-mail: coral@puc-rio.br
Site: www.puc-rio.br/sobrepuc/admin/vrc/cacc/coral

CORAL DA PUC-RIO

O Coral da PUC-Rio foi fundado em 1967 e é regido, atualmente, por Geraldo Leão, que tem o apoio da preparadora vocal Gláucia Henriques. O Coral realizou apresentações com o acompanhamento de várias orquestras do Estado do Rio de Janeiro e se apresentou em salas de concerto de renome. Em 2008 lançou, no Parque das Ruínas, um CD em comemoração aos 40 anos de existência. O grupo se vê como um espaço de convivência e encadeamento de sensibilidades onde se constrói novos sentidos musicais, novas belezas, novas técnicas e posturas de vida. Conta com um repertório que vai do canto gregoriano ao período contemporâneo.



Decoração com responsabilidade

Empresa capacita artesãos de baixa renda e cria produtos de decoração ecologicamente corretos

Laura Alonso

Foto: Divulgação



As artesãs da Rede Asta produzem peças únicas e cheias de personalidade

Responsabilidade social e ambiental, empoderamento feminino e inclusão. Uma almofada, um item decorativo ou um acessório de moda nunca foram tão economicamente, socialmente e ambientalmente corretos. Esta é a preocupação da Rede Asta, grupo que começou em 2005 e, hoje, emprega mais de 800 artesãos das áreas mais pobres do país e oferece a eles benefícios que vão muito além da sobrevivência financeira.

São tapetes, luminárias, cestos, espelhos, porta retratos, bandejas, bolsas e muitos outros produtos feitos de material que seria descartado no meio ambiente. As peças reaproveitam os mais diversos tipos de lixo reciclável: aço cirúrgico, alumínio, bagaço de cana, banner, ferro, lacres e latinhas, garrafas pet, jornais e revistas, retalhos de tecido etc.

Não é a toa que, dez anos após a criação, em 2015, a Rede Asta conquistou o prêmio de “Empresa B”. As Empresas B utilizam a força do mercado na criação de soluções para problemas sociais e ambientais. A iniciativa foi criada há sete anos nos Estados Unidos e atualmente conta com uma comunidade de mais de mil empresas em 34 países, contemplando 60 setores distintos.

Quem agradece não é apenas o meio ambiente. Os artesãos são as pessoas que mais ganham com a responsabilidade social da empresa. Todos vêm de regiões precárias do Brasil, pertencentes às classes D e E. São 60 grupos produtivos em dez estados brasileiros, contabilizando cerca de 800 artesãos. Cerca de 90% desses trabalhadores são do sexo feminino e alcançaram não só a sua independência financeira, mas tam-

bém sua autoestima, admiração e seu lugar no mundo.

“Temos orgulho de fazer parte da história das artesãs. Durante esses anos assistimos grandes mudanças em suas vidas como, por exemplo, a conquista da casa própria e até a coragem de deixar um marido violento após a conquista da independência financeira com a venda de produtos”, afirma Alice Freitas, co-fundadora e diretora executiva da Rede Asta.

Eunice Sousa Porciano é uma das artesãs da rede. A senhora de 65 anos cuida de cerca de 30 crianças em situação de risco na sua própria casa, em Seropédica, no Rio de Janeiro. Dona Eunice produz sacolas, bandeiras, almofadas, aventais, bolsas e diversos outros produtos, que são comprados pela Asta. “A parceria foi muito positiva, eu aprendi muita coisa com as ideias que eles dão”, diz a artesã, que utiliza tecido feito com garrafa pet reciclada.

Com seus “filhos do coração”, como chama as crianças que cuida, Eunice diz que sua renda ainda não é suficiente para se sustentar, mas que sua vida mudou muito depois que se filiou à rede. “Hoje sou realizada vendendo o meu trabalho e fico muito feliz em ver as pessoas gostando e comprando as coisas que eu produzo. Quando penso que comecei do zero e hoje cheguei até aqui, que meus produtos estão espalhados por diversas casas do Brasil e do mundo, fico muito feliz”, conta.

Clarisse Moraes é coordenadora do grupo de artesãos Ecopolo da cidade de Rio Bonito, que iniciou a parceria com a Asta há cinco anos. “Todas elas são de baixa renda. O trabalho delas fez com que elas



O preço de cada produto é determinado pelos artesãos. A Asta realiza o intermédio entre os produtores e o consumidor final

A produção da Asta conta com sessenta grupos produtivos em diversos estados brasileiros. Entre os produtos confeccionados estão: capas de almofadas, tapetes, carteiras e bolsas



desenvolvessem a sua autoestima. Elas se sentem bem em saber que são competentes, que têm seu valor reconhecido. Quando elas viram os seus produtos na vitrine da loja, todas ficaram muito emocionadas”, conta ela com orgulho.

Os artesãos, antes de produzirem, são capacitados e orientados por um grupo de designers antenados à moda, que orientam a produção de acordo com os interesses dos consumidores. Apesar do auxílio dos profissionais, os artesãos têm sua técnica, identidade, criatividade e originalidade respeitados para confeccionarem seus produtos de forma singular.

Depois de prontos, o preço é determinado pelos produtores, as peças são comprados pela Asta e enviadas para os canais de venda: as lojas físicas de Laranjeiras, Ipanema e a loja online (www.redeasta.com.br). “O modelo é pensado para gerar renda para as artesãs. Não há consignação, elas definem o preço e nós compramos. Dificilmente negociamos. É um formato que valoriza quem produz, respeita o meio ambiente e cria relações econômicas justas para toda a cadeia. É bom, bonito e do bem!”, completa Rosane Rosa, sócia e diretora de Marketing e Varejo do negócio.

A Rede Asta também valoriza a transparência com os seus consumidores. No site de *e-commerce* disponibilizam um gráfico explicando a forma como precificam seus produtos. Numa almofada onde o preço final é 40 reais, por exemplo, 43% equivalem ao preço estipulado pelo grupo produtivo, 23% cobrem os custos diretos do produto, como tarifa do cartão, custo de manutenção do site, frete, embalagem etc., e 30% representa a margem de contribuição para pagamento dos custos fixos da Asta.

Os materiais são adquiridos quase exclusivamente de doações de indústrias parceiras. Muitas empresas, além de fornecerem os materiais, compram de volta produtos exclusivos para seus públicos, como brindes corporativos. “Já transformamos sacos de cimento em bolsas de evento, garrafas PET em carteiras”, conta Rachel Schettino, cofundadora e diretora de vendas corporativas. “Com baixo custo de gestão e um método que melhora a cada pedido, conseguimos produzir em pouco tempo mais de 20 mil peças de forma artesanal para atender o mercado corporativo. A colaboração, a garra e a vontade de crescer das artesãs é crucial para o sucesso deste modelo”, acrescenta ela □

Como é calculado o preço final do produto?

CUSTO DO PRODUTO dado pelas produtoras	= 43%
CUSTOS DIRETOS tarifa de cartão, manutenção do site, frete e embalagem, demarcação, impostos de 9%	= 27%
CUSTOS ASTA pessoal, escritório, marketing, etc.	= 30%

SERVIÇO

Rede Asta
Loja Ipanema: Rua Aníbal de Mendonça, 108 loja A – Ipanema

(21) 2540-8780
Escritório e Loja Laranjeiras:
Rua General Glicério, 440 loja B
Laranjeiras / (21) 3217-9967
Loja Online: www.redeasta.com.br
Email: contato@redeasta.com.br

*Este texto que
se inicia, promete
ser bastante belo.
Sejam muito bem-
vindos a mais uma
matéria da revista
"O Prelo"*

Magno Navarro



Uma vida dedi

Pedimos licença dos padrões jornalísticos para utilizarmos a métrica e a rima, pois não vimos outro jeito de começar uma reportagem sobre a literatura de cordel que não fosse desta forma. Marcada por estrofes com muita melodia recitada de forma cadenciada pelos cordelistas, o cordel, ou folheto como também é conhecido, atravessa os séculos e se mantém como um forte expoente literário no país. Principalmente em uma pacata rua do bairro de Itaipu, na Região Oceânica de Niterói. É lá que João Batista Melo cuida com muito carinho e bom humor do Cantinho do Cordel.

A vontade de firmar a literatura de folheto na cidade fez com que João transformasse sua própria casa no Cantinho do Cordel. Ao chegar no espaço, é possível ver a tradição dos livretos pendurados em cordas por toda parte. Árvores trazem um ar puro e a brisa que bate lembra

o litoral do Nordeste, tudo para receber escolas e interessados em cordel. É esse o objetivo de João. "Tenho uma experiência para passar aos mais novos e usar o cordel para isso é fantástico, pois é uma forma de comunicação que trata qualquer assunto com humor, sátira, rima, poesia e linguagem literária. Aqui é uma referência para os apreciadores em cordel. O espaço foi preparado para isso e está de braços abertos". O local inclusive já foi inaugurado pelo Colégio Universitário Geraldo Reis, ligado a Universidade Federal Fluminense (UFF). No fim de 2014, mais de 50 crianças se reuniram no Cantinho para uma tarde de muito bate-papo e estrofes de cordel.

A paixão dele por esse gênero literário tão popular no Brasil é de longa data. Nascido em 1938 na cidade de Itabaianinha, no interior de Sergipe, João não resistiu ao encantamento que o cordel lhe pro-

porcionou quando ainda era criança. "Nasci em um local que pipocava cordel e manifestações artísticas como o maracatu, samba de roda e cantigas. Não podia ser outra coisa diferente. É como se alguém que nasce no Morro da Mangueira não se relacionasse com o samba", explica.

João rodou o mundo até cair de vez na literatura de folhetos. Além de agricultor, trabalhou em uma fábrica têxtil, num banco e fugiu muito das ações repressoras do exército na década de 60 até a oportunidade que mudaria de vez a sua vida. Quando pensava que nunca poderia se dedicar ao que realmente gostava, surgiu a chance de ouro. "Vi no jornal Gazeta de Sergipe um anúncio de um concurso de literatura de cordel. Foi aí que escrevi meu primeiro texto, com 22 anos. E não é que ganhei o concurso? Ali vi que eu tinha jeito pra coisa", relembra o cordelista.

PRIMEIRO CORDEL
EXCLUSIVO DE NITERÓI

Em 1968 João veio para o Rio de Janeiro, casou-se e há 20 anos descobriu em Itaipu a paz e a tranquilidade que precisava para escrever seus cordéis. Em busca de uma vida menos acelerada, mudou-se para o bairro. Lá, teve a inspiração necessária para escrever o primeiro cordel de Niterói, o "Mosquito de Itaipu". E olha que a ideia inicial nem era essa. "Assim que cheguei uma vizinha descobriu que eu fazia cordel e me falou: escreva sobre a internet! Ela insistiu tanto que um dia deitei na rede para escrever. Foi então que os mosquitos começaram a me atacar. Pensei no que Tólstoi (escritor russo) disse uma vez: 'se queres ser universal, começa por tua aldeia'. Assim fiz o primeiro cordel exclusivo da cidade."

O texto chamou a atenção da Prefeitura de Niterói, que o chamou para produzir, junto com seu amigo cordelista Sepalo Campelo, o folheto "Niterói, 440 anos de sorriso". Ele e Sepalo já deram palestras e ministraram oficinas de cordel em escolas de todo o município.



"... Se é vazamento na rua
denuncie faça um ofício
telefone pra empresa
avise do desperdício
evite que aquela farra
entre no código de barra
e resulte em sacrifício

Senhoras que lavam louça
com a torneira ligada
ensaboam cada prato
com a torneira ligada
no fogão tem a panela
na TV tem a novela
e a torneira ligada

Por isso é que sempre digo
precisa economizar
gastar só o necessário
além disso, não sujar
e falo desde garoto
o que vai pelo esgoto
é duro recuperar

Nos plantios proliferam
o uso de pesticidas
a fim de matar as pragas
nas roças desenvolvidas
mas a chuva cai no chão
e leva pro ribeirão
as águas já poluídas..."

cada ao cordel

Quem quiser conferir um dos mais de cem livretos escritos por João Batista Melo, que desde 2005 é membro da Academia Brasileira de Literatura em Cordel, também pode encontrá-lo aos sábados e domingos no Campo de São Bento, em Niterói. Em sua barraca, João vende os folhetos a peso, sendo cobrado R\$ 2,00 por cada 10 gramas de livros.

Trocar uma prosa com João Batista é muito mais do que ver ao vivo anos de experiência em cordel. É poder servir de, quem sabe, inspiração para um novo livro do gênero. "Qualquer tema pode servir para se criar um novo livreto. Eu mesmo só preciso de 5 coisas: um tema, o material de pesquisa, uma caneta, uma resma de papel e um saco de dinheiro" □

SERVIÇO

Cantinho do Cordel
Rua João Paulo I (antiga rua 19), Maravista Itaipu,
Niterói - Rio de Janeiro
Contatos: (21)2608-0917 e (21) 99722-6164



"...Seguindo em Niterói
pela orla do Atlântico
temos a Boa Viagem
ilha de paz e de cântico
adiante da restinga
a bela Piratininga
um cantinho bem romântico

Quando o vento deita à relva
entre folhas de bambu
o mar rebenta em marolas
espantando o tuiuiú
a serra vem abraçando
é sinal que está chegando
Na Praia de Itaipu

Na Região Oceânica
defronte ao alto mar
tem além de Itaipu
Camboinhas e Cafubá
na serra tem periquitos
mas os beijos tem mosquitos
que ninguém pode contar..."



50 anos de luta pela integração de pessoas com deficiência

*Associação Fluminense de Reabilitação
é referência no tratamento multidisciplinar de pacientes*

CAMILA ARAÚJO

Em meados da década de 50 estudantes de medicina trouxeram da Europa e dos Estados Unidos os métodos de reabilitação do pós-guerra, que buscavam proporcionar às vítimas o retorno à vida em sociedade. Na mesma época, o Brasil vivia o maior surto de poliomielite da história. Assim surgiram no Brasil os primeiros centros de reabilitação, para atender pessoas atingidas pela doença. E em 25 de junho de 1958 foi inaugurado em Niterói a Associação Fluminense de Reabilitação (AFR).

No entanto, a AFR não manteve seu atendimento restrito aos casos de pessoas afetadas pela pólio. Sequelas neurológicas ou lesões, acidentes de trânsito e de trabalho e doenças crônicas são alguns dos variados tipos de patologia atendidas. As mais recorrentes, segundo o coordenador Antônio Carlos, são os casos de Acidentes Vasculares Encefálicos e as doenças neurológicas infantis.

O atendimento multidisciplinar, constituído por uma equipe de profissionais de diversas áreas, como a Fisioterapia, Psicologia, Serviço Social, Fonoaudiologia, entre outras, deu à AFR o reconhecimento pelo Ministério da Saúde como um Centro de Referência em Reabilitação para atendimentos de pacientes com alta complexidade. Hoje, com cerca

de 20 mil atendimentos mensais, a instituição recebe pessoas de todo o estado do Rio, de bebês a idosos.

“No processo de recuperação buscamos oferecer à pessoa com deficiência o maior nível de autonomia e conforto, dando a ela segurança e condições de buscar, na medida do possível, uma vida independente e inserida na sociedade”, explica Telmo Hoelz, administrador da Associação.

Complementando o tratamento, a AFR conta com um laboratório onde são confeccionadas, todo mês, cerca de 30 próteses e 150 órteses. De acordo com a necessidade de cada pessoa, a Oficina faz a perimetria, fabrica a órtese (aparelho que auxilia e corrige um órgão ou função deficiente) ou prótese (aparelho que substitui a perda de um segmento do corpo) e faz a adaptação com auxílio permanente de fisioterapeutas. Os atendimentos na Oficina podem ser feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com a lista de produtos, e pelo particular.

CASO DE SUPERAÇÃO

Esperança, superação e inclusão social são alguns dos atributos inerentes ao trabalho realizado pela AFR. Um dos exemplos dessa dedicação é André Santos, de 40 anos. Ele nasceu com a Síndrome da Talidomida, que provocou, entre outras complicações,

o encurtamento de seus braços junto ao tronco. André é um colecionador de conquistas. Ele foi o brasileiro com os braços mais curtos a tirar carteira de motorista, já foi vice-campeão nacional de natação e até DJ em festas particulares. Hoje, é assessor parlamentar, estudante de Jornalismo e vive dando palestras pelo país afora. Essa é só uma das histórias de sucesso que a AFR ajudou a construir.

Filho adotivo, André foi especialmente acolhido pela mãe, que já trabalhava com reabilitação e o levou para o tratamento quando ainda era bebê, transformando-o num modelo de reabilitação nacional. “Fui praticamente criado na AFR, minha mãe era médica lá e ela continuava o tratamento comigo em casa”, conta. Mas nem por isso a realidade era apaziguada, não. André diz que desde muito pequeno aprendeu a encarar o mundo para conseguir o que queria. “Minha mãe nunca me facilitou as coisas, ela sempre me disse que me preparava para a vida e não para dentro de casa. E eu aprendi que o mundo não foi feito para mim e que eu tinha que batalhar sozinho pelo que eu quisesse”, acrescenta □

SERVIÇO
Site: www.afr.org.br
Telefone: 2109-2626

Tornar-se Verde

ONG Verdejar Socioambiental ocupa e conscientiza moradores do Complexo do Alemão sobre o Maciço da Serra da Misericórdia

Laura Alonso

Você deve conhecer a Mata Atlântica, uma área florestal que originalmente se estendia por 17 estados brasileiros. Hoje, a floresta que ainda resta, é apenas 22% da cobertura original. Mesmo reduzida e fragmentada, é lar de cerca de 35% de todas as espécies vegetais encontradas no território brasileiro. Diante de tanta diversidade, não é difícil perceber a sua relevância. Provavelmente você ainda não ouviu falar da Serra da Misericórdia. Ela é a última área verde florestal da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Vinte e sete bairros são unidos por ela, desde Bonsucesso até Madureira, incluindo os complexos do Alemão e da Penha.

Moradores destas comunidades, preocupados com a preservação ambiental da área, resolveram se unir em prol da natureza. Foi numa noite chuvosa de 1997 que dois deles subiram a comunidade Sérgio Silva (componente do Complexo do Alemão) e plantaram algumas mudas na área verde da serra. No dia seguinte, se reuniram com outros para conversarem sobre atividades que poderiam promover para a preservação local.

A partir daí surgiu a ONG Verdejar Socioambiental, uma entidade sem fins lucrativos, que atua há 18 anos pela recuperação ambiental com inclusão social do Maciço da Serra da Misericórdia e comunidades do entorno. Verdejar significa “tornar-se verde”, e essa é a principal intenção da ONG. “A atuação da Verdejar foi determinante para que o maciço da Serra da Misericórdia tivesse a sua importância socioambiental reconhecida por parte da sociedade”, conta Marcelle Felipe, atual coordenadora da organização.

A ONG visa fomentar o desenvolvimento sustentável e socioambiental da Zona Norte carioca, valorizando a cultura, saberes e vivências de seus habitantes para enfrentar o paradigma da degradação. Para isso, foram

desenvolvidos diversos projetos como forma de ocupação e conscientização. Oficinas de cinema, fotografia e reciclagem, rodas de conversa, aulas de capoeira, dança, canto, luta, arte, meio ambiente, educação e socialização, ajudam a mobilizar os participantes para ações significativas na comunidade em que vivem e no seu entorno.

Além das atividades, a ONG ainda plantou uma horta no limite da comunidade Sérgio Silva com a área verde, no bairro do Engenho da Rainha. A ideia da horta é poder mostrar aos moradores que a área florestal preservada poderia servir como área de lazer e produção de alimentos. “Nossa horta sempre foi Agroecológica: Agro pela produção de alimentos, e ecológica por pretender ser um limite para a expansão da comunidade”, diz Luiz Poeta, fundador da Verdejar.

Felipe Pereira Tertuliano, de 24 anos, é morador local e participa do projeto desde criança. “A minha relação com a Verdejar cresceu através dos cursos oferecidos e pela horta, onde tive a oportunidade de trabalhar. Os benefícios para os moradores são muitos e vão além dos cursos”, explica ele.

A Verdejar acredita que a Serra da Misericórdia também pode contribuir para a geração de renda e a segurança alimentar das comunidades do entorno. A Agroecologia propõe o equilíbrio entre a restauração dos ecossistemas locais com a produção de alimentos saudáveis. Incluindo a manutenção de homens e mulheres em atividades agrícolas e valorização da cultura camponesa.

Com a atuação da ONG, hoje em dia a sociedade passou a reconhecer a importância da Serra da Misericórdia e as autoridades declararam-na como área de proteção ambiental. “Foi a partir da realização de caminhadas, eventos, seminários, projetos, ações, fomento a criação e fortalecimento de redes, conselhos e comitês que chegamos onde estamos”, explica Marcelle □

Fotos: Divulgação/Verdejar



As crianças do complexo também ajudam na horta comunitária



A participação da comunidade é essencial para o projeto

SERVIÇO

ONG Verdejar Socioambiental

Endereço das sedes:

Centro de Educação Ambiental e Práticas Sustentáveis Luiz Poeta

Rua Sérgio Silva nº: 86 - Engenho da Rainha
Centro de Educação Ambiental Do Complexo do Alemão- CEA

Rua da Irmandade nº 45 - Morro da Esperança, Olaria

Telefones: (21) 4107-0242 / (21) 99837-0944
/ (21) 98625-5384 / (21) 98550-1941

Emails: verdejar@org.com / verdeja@gmail.com

A cidade que ressurgue das



As ruínas da antiga Igreja Matriz se misturam as belezas naturais do Parque

Parque Arqueológico e Ambiental São João Marcos resgata a história do município que foi inundado na década de 40

MAGNO NAVARRO

O Estado do Rio de Janeiro tem uma população de aproximadamente 16 milhões de pessoas distribuídas por 92 cidades. Entre elas está a pequena Rio Claro, com pouco mais de 17 mil habitantes, localizada na região do Vale Paraíba. Pequena em área, mas com espaço para abrigar a história daquela que seria a nonagésima terceira cidade do Estado. É lá que está localizado o Parque São João Marcos, o primeiro parque arqueológico urbano do Brasil, que preserva as ruínas e mantém viva a memória de São João Marcos do Príncipe, antigo município que teve papel fundamental no ciclo do café no século XIX.

São João Marcos foi fundada em 1739 e viveu intensamente o brilho da era dos barões do café. Também foi lá que construíram, em 1856, a primeira estrada de rodagem do país, a Estrada Imperial, para escoar o café das fazendas rumo ao Porto de Mangaratiba. O apogeu era notório e a cidade gerava prosperidade para seus 20 mil habitantes com escolas públicas, fábricas, teatros e igrejas.

Anos depois, a menos de cem quilômetros dali, a então capital federal crescia a todo vapor. A ordem era transformar a cidade do Rio de Janeiro em uma metrópole moderna, orgulho da República. O quebra-cabeça a ser montado era de



águas



Durante as escavações foram encontrados artefatos de antigos moradores



O Mirante Imperial é um ótimo ponto para apreciar a natureza do local

onde extrair os recursos exigidos pelo progresso, como energia elétrica e água potável. Foi aí que São João Marcos apareceu como a peça que faltava. Por estar situada na confluência de grandes rios e próximo à capital, a solução pensada pelos engenheiros da Light (a companhia de eletricidade do Rio) era criar uma represa e uma hidrelétrica no Ribeirão das Lajes. Para isto as maiores propriedades da área rural de São João Marcos teriam de ser inundadas pelas águas do rio situado no alto da Serra das Araras.

Era o começo do fim. Em 1907 teve início a inundação para a criação da represa com capacidade inicial

de 224 milhões de litros. Do dia pra noite os morros se transformaram em ilhas, teatros, bibliotecas e capelas viraram “corais” de água doce e toda a prosperidade de outrora se afundara. Mas só na década de 40 a cidade ruiu. Prédios, propriedades e espaços públicos foram implodidos e a segunda fase da inundação da hidrelétrica afundou de vez a história daquele lugar.

RESGATE DA MEMÓRIA

Contudo, o ano de 2008 trouxe uma iniciativa da Light S/A, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, para a criação de um memorial à São João

Marcos. Uma equipe multidisciplinar se juntou com o objetivo de apresentar ao público um modelo de Museu/Parque dotado de conforto e segurança para os visitantes. O escopo deste projeto incluiu a construção da sede, das prospecções e pesquisas arqueológicas e históricas, além de um projeto museográfico. O resultado veio em 2011, com a inauguração do Parque Arqueológico e Ambiental São João Marcos, um espaço onde de forma lúdica e didática os visitantes podem associar as evidências arqueológicas com a história do lugar. Tudo isso, em meio a uma área preservada da Mata Atlântica.



Presente em todo o processo desde a concepção da ideia até a inauguração, o gestor do Parque, Zeca Barros sente-se um privilegiado em administrar um espaço tão rico em história. Na visão dele, a trajetória da cidade de São João Marcos proporciona não apenas uma boa experiência profissional, mas também um crescimento pessoal. “Pra mim foi uma oportunidade que transformou e continua transformando a minha visão da nossa própria existência. O Parque é um testemunho de um capítulo importante da história do país e zelar pela sua memória é a razão maior do comprometimento de todos os envolvidos no projeto.” Pelo seu trabalho, o local recebeu já em seu primeiro ano o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade na categoria Proteção do Patrimônio Ambiental e Arqueológico, o mais importante do país em reconhecimento à conservação. “O ineditismo do projeto, seu ousado escopo, o comprometimento da empresa que patrocina e a força da convergência de interesses da iniciativa privada e do poder público foram determinantes para esta conquista”, conta Zeca.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

O visitante que cruza o portão de entrada do Parque se vê de frente a uma área de 930 mil metros quadrados, que incluem mata e espelho d’água. Destes, 33 mil compõe o circuito de visitação, área por onde o público pode caminhar e desfrutar da natureza que salta aos olhos,

principalmente ao visitar o mirante. A trilha de visitação completa apresenta três quilômetros contendo sinalização de posição, ambiental, histórica e arqueológica.

São pelo menos 11 atrações na rota de visitação do Sítio Urbano. Entre elas está a Estrada Imperial, a Casa de Forno, a Ponte Padre Peres e as ruínas da Prefeitura, Câmara e do Teatro Tibiriçá. Porém, o que restou da Casa do Capitão-Mor e da Igreja Matriz se destacam para os quase dez mil visitantes que o Parque recebe por ano. “É impressionante como estas duas ruínas atraem a atenção do público”, explica Zeca.

Ao final, é possível conhecer o Centro de Memória, museu onde é possível ver uma maquete de como era a cidade em nas décadas de 30 e 40 e os artefatos achados nas escavações. Todo o ambiente é sonorizado com as cantigas de roda e cânticos religiosos e de carnaval, trazendo de volta as vozes do passado e o clima festeiro dos marcossenses. Além disso o visitante pode conferir o documentário “A História de São João Marcos” de Kadeh Ferreira, com depoimentos de quem viveu na cidade.

Uma das atrações à parte é a cantina. Algumas das receitas do quiosque são baseadas em um livro entregue pela filha de uma ex-moradora. Isso serviu de inspiração para que os itens servidos fossem batizados de acordo com a história de São João Marcos. “Temos o Rocambole Pereira Passos, o Rango do Capitão-Mor e o Empadão do

Breves. Há quem diga que o livro de receitas foi achado durante as escavações. Pelo visto o Parque já começa a ter suas lendas. Na verdade o livro pertenceu a Dona Cidinha, moradora conhecida da região”, conta Zeca Barros. Ele explica que diversas pessoas que moraram no extinto município já foram visitar o Parque. E em todos esses reencontros com o passado a emoção se fez presente. “Sempre é emocionante. Sinto no olhar deles a saudade pelo lugar onde já chamaram de lar. Ao mesmo tempo há o sentimento de satisfação, alegria e até orgulho de ver a história marcossense viva, pulsando em movimento”, resume.

Fora do contexto histórico, o Parque São João Marcos vem apresentando um importante papel turístico e econômico na região. Em torno do parque subsistem pequenos negócios e o poder público local e estadual já o considera como o principal destino turístico do Vale do Paraíba Fluminense. Isso sem contar na geração de empregos, direta e indireta. Só no Parque, entre responsáveis pela manutenção e conservação, guias e produtores são mais de 20 profissionais atuando em seu funcionamento. Todos em harmonia para o crescimento de um projeto pioneiro, feito para resgatar a história de uma importante cidade que se sacrificou pelo progresso □

SERVIÇO

De quarta a domingo, das 10h às 16h
Tel: (21) 2233-3690
www.saojoaomarcos.com.br
contato@saojoaomarcos.com.br



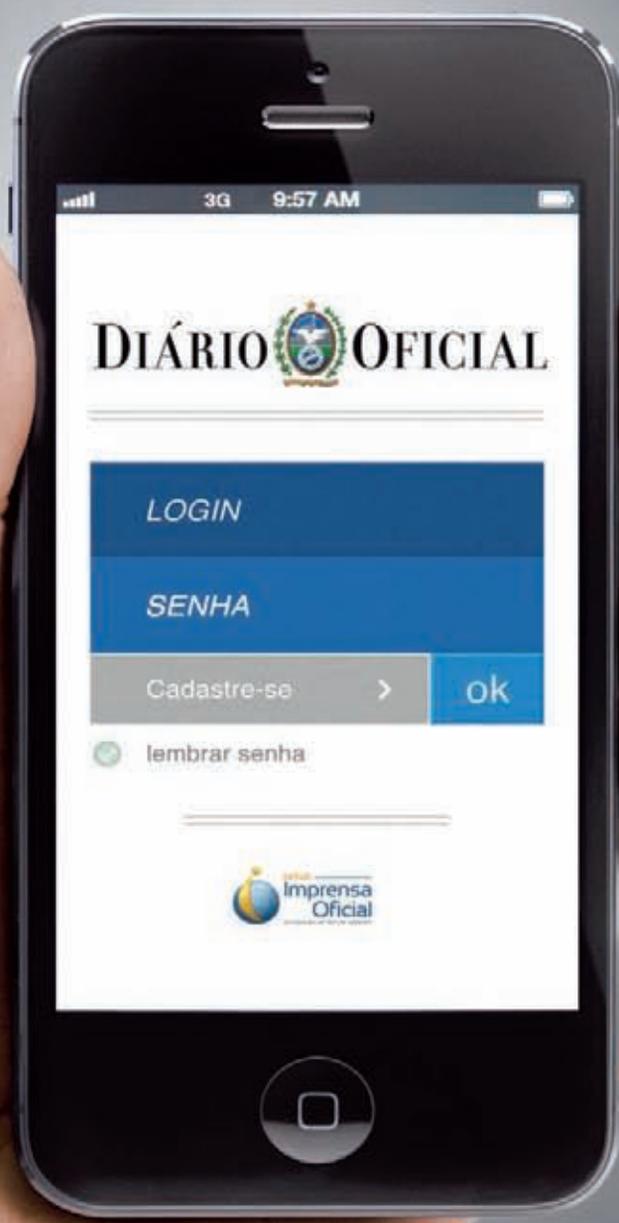
A construção original da Casa do Capitão Mor...



... e suas ruínas conservadas pelo Parque São João Marcos



UMA NOTÍCIA QUE VAI FAZER
O SEU CELULAR VIBRAR:
SIGA VOCÊ MESMO NA
INTERNET!



**NOVO APLICATIVO DO DIÁRIO OFICIAL DO RIO DE JANEIRO.
SE É OFICIAL, ESTÁ AQUI.**

Com o aplicativo do Diário Oficial, você fica por dentro de todas as publicações legais a seu respeito. Se você espera uma aprovação em concurso ou vestibular público, ou quando você se forma, seu smartphone recebe uma notificação imediata cada vez que seu nome, ou CPF, for publicado. Você pode utilizar, também, para acompanhar processos do início ao fim e saber sobre recursos, audiências e todas as atualizações. É a Imprensa Oficial trazendo mais agilidade e transparência para você.



Baixe o aplicativo em www.imprensaoficial.rj.gov.br/aplicativo

**O PERIGO FICOU
3 VEZES MAIOR**



**MINUTOS
SALVAM
VIDAS**

riocontradengue.com.br

**Bastam 10 minutos para acabar com a dengue,
a chikungunya e agora também a zika.**